

018
-0. NOV. 1944



NÊSTE NÚMERO:



Ao lado de Churchill, na sua cente viagem a Roma, o Primeiro Ministro grego Papandreu simboliza, neste momento, o desacôrdo da Grécia.

(Ver comentário na pág. 19)



A Pan-Americana — uma grande estrada que ligará dois continentes, será, em breve, uma grande realização dos países da América.

(Ver página 7)



Uma senhora belga na Faculdade de Letras — «Madame» Andréa Cabré Rocha — falou do «Teatro de Garrett».

(Ler reportagem na pág. 51)

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 188

21 DE DEZEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

Na alma das crianças o sonho de conquista é agora mais forte.
Quem lhes dará a posse de um brinquedo?

(Foto Seródio)

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

Uma "blague" a propósito duma conferência

Os «intelectuais» estão na ordem do dia desde que o senhor Ortega y Gasset proclamou, numa conferência sensacional, a sua falência estrondosa. É certo que para o fascinante conferencista os «intelectuais» são reduzidos a uma espécie rara e mínima em que não entram nem os poetas, nem os artistas, nem os técnicos, nem os homens de ciência, estes então desdenhosamente relegados à função subalterna de manipuladores de drogas ou de artefactos de aparelhos de rádio...

Pelo que vi nos jornais, no entendimento do senhor Ortega y Gasset «intelectuais» é exclusivamente o pensador.

O meu amigo Júlio Dantas sobressaltou-se justamente e veio, num belo artigo do «Primeiro de Janeiro», entre rendas de estilo que não ocultam completamente o vinco severo e apreensivo da sua vasta frente de académico, contestar a ousada e original asserção, concretizando no grande artista que foi Giotto, pintor, arquitecto, poeta, escritor, técnico militar, o tipo perfeito do intelectual. O eminente académico tem razão.

Para onde iria o prestígio da sua «Academia das Ciências», reservatório oficial da intelectualidade portuguesa, se o «intelectuais» fosse apenas a «avis rara» do senhor Ortega y Gasset?

Percorrendo os doutos «fauteuils» da selecta companhia, com franqueza, não vislumbramos o espécime suficientemente profundo e complexo que possa corresponder à exigência transcendente daquela classificação.

A propósito de «intelectuais», e já que estamos em maré de paradoxos, lembramo-nos da classificação não menos original do Doutor Calizto, velho catedrático de Coimbra, que ficou célebre pela sua portentosa criação filosófica que consistia na seguinte proposição: O homem é a tecla mais afinada do plano do universo cujo maestro é Deus.

Era no tempo dos poetas decadentistas que alvorocaram Coimbra com as suas cabeleiras, os seus monóculos, os seus vícios, os seus absintos no «Lusitano», os seus amores baudelairianos em casa da «Varina»...

Coimbra, divertida, reuniu-os num grupo a que chamou os «intelectuais». Os «intelectuais» foram falados, vulgarizados, troçados, reprovados.

A um amigo que lhe perguntava o que eram, afinal, os «intelectuais», o dr. Calizto respondeu:

- São «intelectuais».
- Mas são inteligentes?
- Não; são «intelectuais».
- Então são estúpidos?
- Também não; são «intelectuais».

Eu poderia dizer desta classificação o que o pitoresco professor nos costumava dizer quando não aceitava as nossas definições que ela é «vaga, indeterminada e confusas». Mas o dr. Calizto, que tinha as suas letras e cultivava por vezes o desdém, pretendia apenas fazer uma «blague»!

CARLOS OLAYO

UM INQUÉRITO RELÂMPAGO

Que deseja que o Pai-Natal lhe ponha no sapato?

O sapato na chaminé ainda tem hoje o perfume vivo duma bela recordação. É a cavalgada do tempo que pára, na sua vertigem céleste, para se deter a contemplar o passado: os anos doces da meninice, dos bonecos, dos sonhos, das irrequietas travessuras.

Nós somos duas vezes crianças. E é por isso que o sapato na chaminé ainda representa o símbolo tradicional dum sonho que vivemos — e que durou tão pouco.

Este inquérito é feito àquelles que ainda não quiseram perder o melhor dos seus sonhos — embora saibam que o Pai-Natal, zangado com o Sindicato dos «Limpa-Chaminés», há muito tempo que perdeu o vício de encher de prendas os sapatos.

Todavia, costuma dizer-se: so que vem é ganho — e sempre é bom pôr-se o sapato na chaminé, que pode acontecer às vezes o Pai-Natal... Somos duas vezes crianças. Que tem isso?

A SR.ª D. FELICIDADE QUERIA UM QUILO DE AÇÚCAR!

Batemos à porta da sr.ª Felicidade, aqui ao Camões, dona de uma pensão — passe o réclame. Fica muito surpreendida com a nossa pergunta. Quasi se benze de pasmo. E, depois, com rubor nas faces:

— Acredite, se pusessem nos sapatos um quilinho de açúcar era uma delícia!

— E que mais?

— Olhe, uma barra de sabão. O ano passado, um hóspede engraçado, o Pai-Natal, meteu-me uma roca no sapato. Pois serviu para o meu neto.

— Quer dizer que continua a pôr os sapatos na chaminé?

— Claro! Aqui, na pensão, todos — menos o sr. dr. juiz, que não gosta de brincadeiras — fazemos isso. Sabe quanto me custa? Só pacotes de queijadas compro duas dúzias. É tradição.

STUART DESEJAVA ENCONTRAR OS SAPATOS COM MEIAS SOLAS, NOVINHAS E RESISTENTES...

A subir a escada da redacção, encontramos Stuart, o artista que toda a gente admira. Bem disposto, respondeu logo, a rir:

— Gostaria de ver os sapatos com meias solas novas! Não há couros resistentes — é tudo em papelão...

— E se o Pai-Natal puder «gaspear» uns outros que lá tenho, ponho na chaminé dois pares...

MARIA SIDÓNIO QUERIA UM CONTRATO PARA O CASINO DA URCA...

Maria Sidónio, a vedeta popular do palco e da rádio, vinha do Apolo, onde estivera a ensalar.

— Põe os sapatos na chaminé?

— Pois, então! Todos os anos apanho qualquer coisa...

— Este ano, o que desejaria?

— Um contrato para o Casino da Urca, para abraçar Beatriz Costa e cantar o nosso folclore aos portugueses de lá...

ANIBAL NAZARÉ QUERIA UM LIVRO DE CHEQUES PARA A «MATINÉE AS QUATRO»!

Anibal Nazaré, o revisteiro dos grandes êxitos, esteve a almoçar no «Negresco». Depois de ter poisado o garfo, olhou-nos surpreendido e perguntou:

— Não tem importância que em vez de sapatos eu ponha, na chaminé, umas botas de montar?...

— Por quê? É tudo artigo de sapataria...

— Pois sim! Mas é que aquelas botas levam mais coisas! Ficava satisfeito se encontrasse, dentro delas, um livro de cheques para eu reutilizar, como penso, a «Matinée às quatro».

— E o resto? As botas são tão grandes...

— O resto... açúcar pilé...

O PINTOR MANUEL LIMA DESEJAVA ENCONTRAR UM PASSAPORTE PARA CORRER MUNDO

Manuel Lima é das melhores afirmações artísticas da moderna geração.

No café «Chiado», entre amigos, conversava animadamente.

— Essa agora? O sapato na chaminé? Ficaria radiante se tivesse lá um passaporte para poder viajar pelo mundo inteiro! Há tanta coisa a pintar, tanta beleza a descobrir!

A OPINIÃO DUM ZÉ NINGUÉM

Na rua, a olhar um cartaz de touros, já amarelecido, encontramos um modesto trabalhador, de lancheira. Tocamos-lhe no ombro. O homem fica desconfiado. Explicamos o que queremos. É um inquérito. Esquece de dizer o nome, que isso não tem importância. Apenas isto: — Que gostaria ele de encontrar no sapato, deixado na chaminé? O homem compreendeu. Pelo seu olhar nupassou um clarão, talvez a doce saudade dum passado que foi feliz.

— Sim, também pus os sapatos muitas vezes na chaminé, no tempo em que o Natal era um bazar de brinquedos. Hoje, a vida é dura — os sonhos dissiparam-se. Todavia, sentir-me-ia feliz se encontrasse, com quarenta e oito anos de idade, dentro dos sapatos, um jornal que, logo de manhã, me dissesse: «A guerra acabou».

Só então reparamos na botoeira do casaco daquele modesto operário: tinha o emblema dos Combatentes da Grande Guerra.

QUINTA-FEIRA, 7, das 14 às 14,30 que foi fazer?...



À PRACA DUQUE DA TERCEIRA...



À AVENIDA 24 DE JULHO...



À RUA DO OURDO?

Podemos dizer que a originalidade deste concurso está a obter um êxito invulgar. O leitor, de uma forma directa e imediata, entrará na posse de um prémio que é, sem dúvida, a aspiração de todos: assistir a um bom espectáculo cinematográfico apenas por... um escudo e cinquenta centavos. Para isso, bastará que lhe calhe a vez de ser surpreendido pela objectiva do nosso fotógrafo, por essas ruas da cidade. Todas as quintas-feiras, a horas não determinadas e em locais não fixados, o nosso repórter fotográfico surpreende alguém que passa distraído e que, ao abrir na semana seguinte a nossa Revista, ficará habilitado a assistir ao melhor filme da semana, desde que se apresente na nossa redacção com o exemplar contendo a sua fotografia.

Quem serão os felizes premiados neste número? Quem quer que seja poderá vir à nossa redacção na próxima segunda-feira, onde lhe será entregue uma credencial que, apresentada na bilheteira de um dos melhores cinemas de Lisboa, assistirá a um magnífico espectáculo!

O LISBOETA E O PERÚ



COM Dezembro, frio e nevado, vem o Natal — o bíblico abraço fraterno das famílias. Nas aldeias e nas vilas, nos casais pequeninos, perdidos na serra, e no turbilhão das cidades, um frêmito de crença e de fé vem acender, entre os homens, o facho luminoso da solidariedade. Nessa noite, na aldeia, não se fecha a porta: quem vier por bem que entre; a broa e o vinho, louvado seja o Senhor, ainda no outro dia deixa sobejos...

Está dito e redito o significado do Natal. Não há, particularmente, em Portugal, poeta que se esqueça dessa noite, dos pésitos das crianças arroxeados de frio, da neve, do foliar e da santa evocação da família. Hoje, poucas são já as crianças que vão à chaminé pôr os sapatos — antes, à mesa, num berreiro, querem ver o que o papá comprou na véspera. Perdeu-se, assim, uma das mais inocentes crenças que todos os meninos deviam conservar. Bem sabemos que os petizes já ractoclam, já pensam. Ainda me recordo que um miúdo de três palmos dizia, muito intrigado, apontando os sapatos de um outro garoto: «Vês! Tu que tens tantos sapatos, o menino Jesus deu-te outros; a mim, que ando descalço, deu-me isto!» — e mostrava, descontente, uma gaita que, caridosamente, uma vizinha ricaça oferecera a todos os miúdos do beco...

De facto, o Pai-Natal das barbas brancas, com a sua túnica, brocada a ouro, as suas sandálias, estava a criar um prestígio pouco lisonjeiro...

Hoje, porém, os problemas do Natal são de ordem gastronómica. Sim, porque na verdade a carência temos a ródos — nota-se em todo o lado. Uma coisa fundamental que não faltava na «Festa da família» era o Perú. O jantar aburguesado, ruidoso

e alegre, com Perú — serviu durante muito tempo para apanhar «peruas». Mas hoje, Santo Deus, quanto custa um Perú? O preço dum potro, dum suíno bem tratado, dum camarote de 1.ª em S. Carlos.

Delegar um Perú — é depenar, dentro da lei e com os rigores da tabela, um cidadão. Depois, acresce que essa feia e arrogante ave é exigente: antes de morrer quer bacanal, quer bebedeira de Pôrto, Madeira e rum. Se não lhe fazem a vontade, ninguém o trincha tenrinho. De modo que, se o Perú custa uma soma exorbitante — a bebedeira não fica barata.

Anos atrás, por esta altura, já nas ruas da cidade os saloios da Malveira, de Loures de Caneças — e aqui mais dos arrabaldes, a começar em Carnaxide, Linda-a-Velha — vendiam os gordos perús. Paravam muito no Largo da Anunciada — ali faziam o seu mercado. Regateava-se, tomava-se o péso, sopravam-se as penas para ver a carinha rosada — e fazia-se o negócio. Hoje, porém, o Perú está, também, racionado. Vende-se um a cada freguês, na quinta, com o chapéu na mão. Queixam-se os homens que não há sementes para os alimentar, nem farinhas para a engorda. Deve ser assim, porque as sementes que pertenciam aos perús pertencem hoje, por decreto, ao homem...

Mas, daqui, deduz-se: se os perús não comem sementes — porque não há — e se têm, na verdade, que mastigar qualquer coisa para existir — talos de couve, hortaliças velhas, lama, porque subiram de preço?

Um Perú, pela soma fabulosa que pedem — são injectado a vitaminas...

MANUEL MARTINHO

NOTAS RAPIDAS DA SEMANA



No funeral do almirante João de Azevedo Coutinho, grande figura da monarquia, que deixa uma obra brilhante nas nossas colónias, incorporou-se o sr. Prestidivante do Conselho, dr. António de Oliveira Salazar, que se vê na foto rodeado do sr. comandante Tenreiro e do sr. José de Figueiredo.



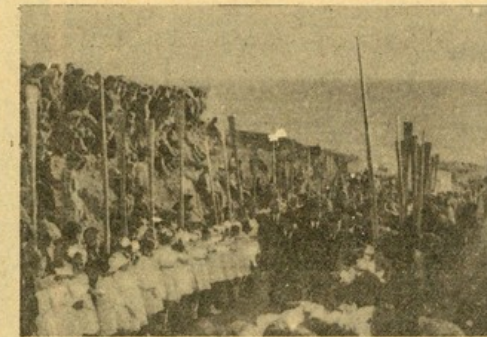
No gabinete do sr. ministro do Interior realizou-se a cerimónia de posse da nova Junta Central da Legião Portuguesa, presidida pelo sr. eng.º Prof. Francisco André Navarro, que se vê na foto no momento em que assinava o acto da posse.



A Sociedade «A Voz do Operário» festejou, há pouco, o dia do seu fundador. Foram distribuídos prémios pecuniários aos melhores alunos — e é dessa cerimónia o «cliché» que publicamos — e, à noite, o «Grupo Dramático Araújo Pereira» promoveu um espectáculo.



A Casa do Marinheiro da Armada, que vai sofrer as mais amplas reformas, foi, há dias, visitada pelo sr. ministro da Marinha, comandante Américo Tomás, admitindo-se que essas ampliações sejam prolongadas até às dependências dos Depósitos da Marinha.



O sr. sub-secretário de Estado das Corporações visitou, há pouco, as Casas dos Pescadores da Caparica e de Setúbal, inaugurando, em Sesimbra, o bairro construído pela Junta Central das Casas dos Pescadores. Na foto, vemos as crianças das escolas saudando os ilustres visitantes à chegada a Sesimbra.



No salão nobre do Palácio da Independência realizou-se uma cerimónia de homenagem ao sr. Prof. Marcelo Caetano, actual ministro das Colónias, e que foi o supremo orientador da M. P. Na cerimónia, foram-lhe entregues as insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Instrução Pública, com que fora agraciado.

Brunilde Júdice e Alves da Costa vão apresentar o teatro desmontável?

SEM dúvida, estamos a assistir a um novo interesse público pelo teatro. Criam-se secções especiais em revistas e jornais, nas casas mais aptas a darem-nos espectáculos de melhor nível artístico — registam-se consolações êxitos de bilheteira — no teatro declamado e no ligeiro — e, enfim, o «Grupo dos Amigos do Teatro» propõe-se realizar uma verdadeira revolução artística.

Todavia... Não se pode dizer que tudo corra como se deseja. Há artistas que não trabalham, há peças que não são representadas, há um certo público que não vai ao teatro, há uma certa crítica que não cumpre, ainda, a sua função — há uns certos cinemas que não deviam funcionar como tal mas exercer funções para que foram criados.

Assim, o S. Luís, o Politeama e o Ginásio fugiram ao seu signo. Por quê?

Em alguns casos, porque aquelas casas de espectáculo caíram, como o tempo, em mãos inhábéis, para as explorar como teatro, e o lucro certo e de obtenção fácil seduziu mais do que o sacrifício pela arte de representar. A lei — agora que tanto o teatro ocupa as preocupações de todos — deveria impor deveres e fazer regressar à exploração teatral — senão todas, pelo menos algumas das casas que funcionam como cinema.

Entretanto... Brunilde Júdice e Alves da Costa foram há dias solicitar do sr. ministro da Educação Nacional a sua intervenção para que lhes sejam concedidos meios de adquirir um teatro desmontável. E demonstraram, por A+B, que era possível, que era indispensável constituir uma companhia de comédia — a comédia fina, género parisiense, de que o público anda saído — com óptimos elementos de comédia e artistas novos, recentemente saídos do conservatório.

Supomos que não é preciso encare-

cer o mérito desta iniciativa que merece todo o apoio das entidades oficiais, da imprensa e do público.

Brunilde Júdice e Alves da Costa são ímpares na cena portuguesa, com o seu feito artístico marcado e o seu lugar conquistado. E, visto que as empresas cometeram o grave erro de os deixar sem contrato e ambos eles vivem da sua arte e para a sua arte — é natural que procurem uma solução para o seu problema — que é por sua vez, o problema de outros. A existência de um cómodo e elegante teatro desmontável, que fizesse uma temporada de oito meses pelas várias zonas da cidade e seguisse, nos restantes quatro meses, para o Porto e provincias, seria um excelente contributo para resolver a actual crise de teatro e de artistas. Por outro lado, levar-se-iam bons espectáculos a centros tradicionais de teatro que hoje estão privados de tão alto instrumento de cultura, porque a Inspeção fechou casas de condições deficientes e para a construção de outras não há sempre capital, dadas as várias circunstâncias de que se revestem hoje as autorizações de construção de casas de espectáculo. Pode dizer-se que o entusiasmo teatral, de tão grandes tradições provinciais entre nós, está a extinguir-se. Uma casa desmontável resolveria, sob este aspecto, o problema do teatro em Portugal.

Ignora-se, ainda, até que ponto o sr. ministro da Educação irá aplaudir e contribuir para a realização das aspirações de Brunilde Júdice e Alves da Costa.

Mas... De qualquer modo, a semente está lançada e constitui uma enovação entre nós. A técnica americana — porque da América viria o teatro desmontável, cujo custo ficaria muito abaixo do meio milhar de contos — ajudaria a vencer um dos graves problemas teatrais do nosso meio e da provincia. E, portanto, de qualquer modo — não é iniciativa para lançar por terra. Se não for de uma forma — porque não há-de ser de outra?

ÀS TRÊS PANCADAS

ROSA ENJEITADA

Um autor português arcou com o perigo de se seguir a um autor estrangeiro que acabava de obter um grande êxito: depois da «Miss Ba», uma peça graciosa que teve um êxito imprevisto — a «Rosa Enjeitada» que, fatalmente, há-de quebrar o ritmo dos espectáculos, porque os possíveis paralelos a estabelecer são em condições desfavoráveis para D. João da Câmara, sem dúvida dispõe de uma técnica embrionária, em relação ao nosso tempo. De facto, é preciso ter muito boa vontade para que, ao sairmos do Trindade, não digamos: «isto é uma estopada». A peça tem delicadeza, tem poesia. Mas é tão pouco humana, tão cheia de cordelinhos ingénuos e de reacções psicológicas fora do nosso tempo que tudo isso a situa muito para lá da nossa sensibilidade. Daqui a cem anos, talvez seja curioso ver como reagem as platéias. Experimentar as reacções de hoje, parece-nos cédo ainda... As peças de museu — quanto mais velhas, melhores. E a «Rosa Enjeitada» é demasiado convencional e de nossos dias — para que possa ser histórica.

* Na interpretação, primeiro, porque é a protagonista, vem Maria Lalande. Mas a Lalande não é para estes papéis convencionais. É demasiado humana para saber ou poder fazer uma figura adesões viria juntar-se à feliz iniciativa que vimos amparando e divulgando, reservamos para uma das próximas páginas a revelação detalhada de quanto diga respeito ao Grupo dos Amigos do Teatro.

Grupo dos Amigos do Teatro

Ainda neste número — dada a antecedenção com que esta página tem que entrar na tipografia — não podemos dar conta, aos nossos leitores, da marcha dos trabalhos para organização do Grupo dos Amigos do Teatro. Presentemente, procede-se à elaboração dos estatutos, e porque em breve novas adesões virão juntar-se à feliz iniciativa que vimos amparando e divulgando, reservamos para uma das próximas páginas a revelação detalhada de quanto diga respeito ao Grupo dos Amigos do Teatro.

lande sabe, de resto, que esse é o modo de chegar mais directamente ao público fácil — mas se ela se convencesse de que esse era o melhor caminho desagradaria a um público de «élite». De resto, todo o agrado que o trabalho de Lalande nos despertou é muito condicional; ela «afasta-se» da personagem, parece que às vezes «sonambuliza» e a sua voz torna-se monocórdica.

António Silva e Josefina Silva pareceram-nos muito bem e apropriada a sua interpretação; Hortense Luz muito certa e humanamente discreta; Assis Pacheco, Villaret e Ribeirinho três grandes artistas em pequenos papéis valorizados pelo seu desempenho; Maria de Lourdes como uma aguarela graciosa — um temperamento delicado e emotivo com que o teatro deve contar; Lúcia Mariant fugidia. Quanto ao natpe masculino, no caso dos jovens, o Trindade continua com muitos «claros». Sem dúvida, há lá rapazes com muito boa vontade. Mas não puderam ainda provar que completam o natpe de galãs que a Companhia precisa. Ainda assim, saliente-se o trabalho de Caetano no «Chico da Arruada». Quanto a Amaro, continua a declamar muito enfático. É preciso «entrar» mais dentro das palavras. Alfredo Henriques, Virgílio Macieira e Baltazar de Azevedo completam o conjunto sem desdouro.

* Frederico George desenhou os figurinos e as «maquetas» de cena — e pode dizer-se que com boa propriedade, embora o 1.º quadro nos parecesse demasiado fatigante de cores — sem que deize de ser o mais pitoresco e gracioso. Há, no entanto, em todo o espectáculo, uma unidade de cores, uma conjugação de esforços, que nos apraz registar. De resto, essa mesma unidade se nota na realização de Ribeirinho, que foi francamente boa, principalmente no 2.º quadro do 2.º acto. Com aquela cortina, Ribeirinho conseguiu fugir ao grotesco da situação e dar-nos uma pincelada cinematográfica.

E, por fim — um elogio à orquestra que, nas mudanças de quadros soube oferecer-nos apontamentos musicais a propósito. É bom que isto se diga, para que não pareça que estas coisas não valem nada no conjunto do espectáculo...

E S P E C T A T O R

NATAL - ANO BOM — Lembre-se que o melhor presente é um bom livro. Temos organizado um serviço especial de remessa directa de livros acompanhados de um cartão de Boas-Festas, num lindo estajo. — Dir. a-se à **BOLSA DO LIVRO** - P. D. João da Câmara, 4, 4.º - Telef. 28470 — LISBOA

QUANTO VALEM AS MÃOS DUMA BAILARINA

BAILAR — é principal função de pés e pernas. Mas podemos abstrair do bailado a expressão das mãos? As fotos aqui juntas que respondam!

São três maravilhosas expressões de bailados orientais, de um poder e de uma sugestão maravilhosos que nos dão a medida do exotismo na arte oriental e nos transportam aos países de Buda e Schiva. São um produto de estudo e de sensibilidade do corpo e da alma de Lydia Wieser, uma grande bailarina do nosso tempo.

Quanto valerão as mãos desta extraordinária bailarina? Uma revista alemã diz-nos que elas foram postas no seguro por pequena fortuna — qualquer coisa como dois mil contos...



"Madame" André Crabbé Rocha, vai-nos falar do "Teatro de Garrett"

A pessoa, homem ou mulher que se deixa levar pelo impulso de projecção social, sai dos domínios privados do ambiente caseiro e pertence a um mundo que forma opinião a seu respeito, a respeito das suas obras e até do que são ou do que deixam de ser as suas intenções. Se a pessoa escreve um livro ou uma peça, ou faz um quadro ou uma escultura ou um avião, por seu bel-prazer e para meter na gaveta—dado que o avião lá caiba—ninguém tem o direito de estranhar que, ao baterem-lhe à porta para efeitos de publicidade, a pessoa se excuse:

—Deixe-me em paz, não me incomode, estou em minha casa, ninguém tem o direito de vir intrrometer-se na minha vida.

E o jornalista nada pode alegar porque os actos do cidadão pertencem ao domínio privado, e neste ninguém tem o direito de meter o narizinho.

Mas se a pessoa passa ao domínio público pelos seus actos, feitura, idéias ou palavras—af, já não tem direito de dizer ao jornalista, enxotando—e é a fingir que não percebe, a fazer a «entourage» da dificuldade tão difícil como certos ditos desconfiados e inacessíveis!...

—Deixe-me, não o conheço, nada fiz, nada faço, não me agrada a publicidade!

De acordo. Não lhe agrada a publicidade. Mas tem de lhe reconhecer a existência—e, se a não ama, tem de a respeitar, visto praticar actos públicos e sofrer-lhe as exigências...

...Era isto, mais ou menos, o que deviam ter dito a Madame André Crabbé Rocha, antes de partir de Coimbra, para prestar provas de doutoramento na Faculdade de Letras de Lisboa. Era elemental... Mesmo, porque há muitas formas de não dizer que não se dá entrevista, sem ser preciso falar daquilo que nos não agrada ou não convém...

* * *

...E à cause—não nos admirará que amanhã, depois deste introito, apareça a entrevista de Madame André Crabbé Rocha, esposa do ilustre escritor Miguel Torga e desde há pouco doutorada em letras, autora de um trabalho sério que intitulou «O Teatro de Garrett», dominando de algum modo o português, sendo de nacionalidade belga, onde foi aluna do Prof. Vitorino Nemésio, que lhe colocou, nas mãos, na sua qualidade de professor de português da Universidade de Bruxelas, o «Frei Luís de Sousa»...

Ela própria, há anos em Portugal, é professora do Liceu em Coimbra. Está defronte dos arguentes—os professores Vitorino Nemésio e Hernâni Cidade—com um arzinho garoto de colegial. Tem uma bóina arrebitada como o seu narizinho, anda de sapatos de salto raso, como qualquer inglesa, usa um casaco prático. Quando se senta no banco de doutoranda, disposta ao sacrifício das acusações, o seu rosto metamorfosela-se. Acentuam-se-lhe os ares de menina colegial e irradiada simplicidade e simpatia luminosa. Daí a pouco val dizer ao júri que não é sentimental—mas não pode negar que é uma emotiva! O seu jôgo fisiológico val-a traíndo pouco a pouco...

O professor Hernâni Cidade começa

o seu libelo acusatório—por um elogio incondicional:

—A dissertação de V. Ex.^{cia}, é simplesmente notável! A maneira graciosa, aqui e além de uma ironia de verdadeira estilista com que aborda os problemas sentimentais, psicológicos e espirituais de Garrett não parecem de uma estrangeira mas de uma autêntica portuguesa.

E o professor Hernâni Cidade espraia-se em considerações e põe o primeiro mas...

—Como é que Garrett não podendo ser Garrett sem os chinês e as sacacas, precisa de se despir, como diz mais adiante, de todos os ouropéis, para produzir a obra humaníssima do «Frei Luís de Sousa»? Creio que V. Ex.^{cia} não esclareceu ou usou de más palavras para significar a marcha evolutiva do dramaturgo...

E a argüida confessa que, de facto, aquela passagem da página 19 atraíção a sua idéa, aliás bem definida em toda a obra, de que Garrett precisou de passar por todas as fases para chegar ao magnífico término da sua ascensão literária.

O professor Hernâni Cidade refere-se aos fundamentos do livro em discussão: a interpretação à base do informativo. E fala-se dos elementos cénicos, teatrais, nos romances de Garrett:

—V. Ex.^{cia} não acha, minha senhora, que temos de ver sempre a obra de Garrett através da sua vela de dramaturgo? Repare, por exemplo, naquela cena do *Arco de Santana*, em que intervem a acção do bispo, perante os populares. Não se pode negar que em toda a obra do romancista não haja inserções de técnica teatral. Há uma passagem no *Alfageme de Santarém*—a velha que doba—que se parece com uma cena dum peça de Maeterlinck...

A dissertação amena continua, sem nunca atingir aquele brilho de polémica. Sente-se que as refutações são mero preenchimento de tempo marcado oficialmente e que arguente e argüida estão identificados e se não superam a si próprios. Nada há que dizer...

Mas, de repente, o professor Hernâni Cidade lembra uma nota que tomara, quasi ao fim do seu estudo:

—Não lhe levo a bem a ironia que pôs na crítica ao professor Costa Pimpão. É muito compreensível que a filha de Garrett, que ao tempo tinha perdido Maria Adelaide, lhe tenha inspirado esse modelo extraordinário de sofrimento, percepção, ingénua visionismo e dramático acabramento que é essa «Maria de Noronha». Por que há-de trocar deste raciocínio do Prof. Costa Pimpão?

—Porque eu não sou uma sentimental. V. Ex.^{cia} diz isso, porque o é.

A assistência



Enquanto falava com o Prof. Schwalbach, o nosso fotógrafo surpreendeu «Madame» André Crabbé Rocha, antes de começar a sua última prova.

ri. O júri também ri. Madame André Crabbé Rocha exprime-se num português pitoresco. Dir-se-lhe que nasceu nas terras penhascosas da Beira... Às vezes, parece que arranha as idéias ou que estas vão fugir-lhe, porque não encontra a palavra de que precisa. Vê-se que não é uma oradora, e que há-de dominar melhor a palavra escrita. A discussão, entretanto, espevita-se um pouco. E o professor Ernâni Cidade invoca, em nome da ternura de Garrett—Madame Cabré dissera que, tendo a filha ficado órfã aos 4 anos, que foi quando o pai escreveu o «Frei Luís», Garrett não podia adivinhar o que ela sentiria quando compreendesse a sua situação—as cartas que elle lhe escreveu:

—Também não acredito nessa ternura ou, pelo menos, nesse estilo. Essas cartas eram demasiado literárias e a ternura d'ele era literária. Sente-se que não sabia como havia de falar a uma menina de 13 anos que era sua filha, um homem cheio de preocupações de estilo. O próprio epítáquio que V. Ex.^{cia} invocou, e que elle mandou colocar no túmulo de Maria Adelaide, é um produto literário, de praxe, e não pode servir para demonstrar o estado de espírito em que foi escrito o «Frei Luís de Sousa»...

O debate encerra-se aqui e o professor Hernâni Cidade é substituído pelo professor Vitorino Nemésio, que classifica, por sua vez, de notável e recheado de subtilidades o livro da doutoranda que, a certa altura da sua obra, o coloca ao lado do «Hamlet». E Vitorino Nemésio—escritor, por que não?—agradece que uma estrangeira

o reconheça. Lamenta que a doutoranda não conheça o trabalho do dr. Rossi, «Alfieri em Portugal»—para que aprofundasse o seu paralelismo e influência nas peças de Garrett:

—Veja, o mesmo talhe de cenas, o mesmo jôgo de acção, a mesma violência de paixões... E foi pena que não tomasse conhecimento dos documentos do dr. Jorge de Faria, o nosso maior garrettiano e mais documentado escritor, sobre o teatro do século XVIII e XIX...

E, mais adiante:

—V. Ex.^{cia}, neste seu livro, refere-se ao mau gôsto do teatro português, à inferioridade de produção, à incultura das plateias e à incapacidade do português para fazer teatro...

—E mantenho.

—Mas Garrett lê-lo, teve capacidade para fazer teatro como Shakespeare...

—Uma excepção...

E ergue-se o ponto final da sessão, que podia ser o melhor momento da discussão:

—E como pode V. Ex.^{cia} classificar esta singularidade genial na obra de Garrett? Shakespeare, Corneille, Calderon, Gli Vicente, produziram várias obras-primas... Por quê esta pluraridade, por quê esta singularidade?

A pergunta fica a pairar um momento no espaço—e talvez que só o próprio Professor Vitorino Nemésio lhe saiba dar agasalho...

A assistência dispersa-se—raparigas e rapazes buliçosos nem sempre muito atentos. Lá ao fundo, do seu cadeirão abacial e ridículo, porque é pretencioso e não tem grandiosidade, o sr. presidente levanta-se. E o professor Oliveira Guimarães.

A sala, que se vestira de um sorriso—caí no silêncio tumular que pede camartelo e pede luz e vida. Uma Faculdade, dentro dos modernos processos da pedagogia—ainda não é uma academia surrumbática.

Daí a pouco, val saber-se que o júri decidiu a aprovação por unanimidade. Entretanto, Maria Almira Medina, da Faculdade de Letras ultima, com o lápis nervoso, a sua impressão sobre a doutoranda. Ela aqui está, para que a reportagem do doutoramento seja isenta de faltas...



Maria Almira Medina, durante a prova, fixou assim a nova doutoranda

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado..... 80.000.000\$00

Fundo de Reserva... 64.800.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119 - Lisboa

Dependências Urbanas

Ricântara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis e Benfica

Filiais e Agências

Póvoa, Coimbra, Braga, Faro Covilhã, Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tertozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montijo

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

GARLAND, LAIDLEY & C.º LIMITED

ESTABELECIDOS HÁ MAIS DE UM SÉCULO

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E TRANSITÁRIOS

Representantes das seguintes linhas:



Blue Star Line ♦ Brocklebank Line ♦ Furness,
Withy & C.º Ltd. ♦ United Fruit C.º ♦ Booth
Line ♦ Cunard White Star Line ♦ Lamport
& Holt Line ♦ Yeoward Line

Travessa do Corpo Santo, 10-2.º - LISBOA

Rua Infante D. Henrique, 131 - PORTO

EMPREGUE
BEM O SEU!
TEMPO!
VISITE

MEIOLÂNDIA, L.ª DA

SE ESTÁ COMPRADOR DE MOBILIAS E ESTOFOS



AV. DUQUE D'AVILA, 30
RUA DO TELHAL, 70-B
TELEFONE 50219
L I S B O A

CAIXAS DE MÚSICA

EM ESTOJOS DE MADEIRA PÚLIDA
COM LINDAS ESTAMPAS



AS MAIS CÉLEBRES
MELODIAS • OS MAIS
BELOS EFEITOS •
MODELOS PARA
CRIANÇA COM CORDA
E SILHUETAS MÓVEIS

EST. VALENTIM DE CARVALHO
R. NOVA DO ALMADA, 97



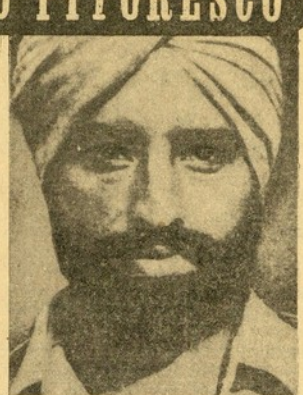
Não espere pelo aparecimento da
primeira ruga para começar a tratar
a sua pele. Comece já a usar o

* CREME BENAMOR *

que dará ao seu rosto uma
encantadora frescura

Desmancha as rugas, faz desaparecer os pontos negros,
borbulhas e a vermelhidão. Defende a pele da acção
cáustica do vento, do frio e das poeiras. Fixa admirá-
velmente o Pó d'Arroz que se torna quasi invisível
sobre a pele.

ITINERARIO PITORESCO



RAÇAS DA ÍNDIA

Disse uma vez «sir» Stafford Cripps: «Eu compreendo perfeitamente o desejo dum governo autónomo do povo indiano e sou o primeiro a apoiá-lo: mas eles não o obterão com a admissão dos japoneses ou de qualquer outra potência do Eixo; primeiro deverão as Nações Unidas ganhar a guerra... E creio que a maioria do povo indiano sabe e reconhece este facto».

Tais palavras resumem, afinal, a posição actual da Inglaterra em face da Índia. As mais importantes associações da Índia são, hoje, «O Partido do Congresso» — onde predominam os indus, é controlado especialmente pelas castas privilegiadas e pelos Braamanes, e permite a inclusão de alguns muçulmanos. O *Mahasabha Indu* — que consiste numa organização retintamente de indus puros e anti-muçulmanos.

Os *Intangveis* — cerca de 40.000.000 de indus adversários temíveis das castas superiores e do Partido do Congresso. Além destes, a *Liga Muçulmana* com cerca de 90.000.000 de fillados, e os *Sikhs* com alguns milhões de praticantes duma religião absolutamente própria e, por último, os «Cristãos Indianos» que, como o seu nome indica, seguem os basilares preceitos cristãos.

E, contudo, dessa enorme confusão de raças, de crenças, de ideais — qualquer coisa de novo há-de nascer, decerto, no amanhã que já vem próximo.

IMAGENS DO MUNDO

PESCADORES DE BORNEO

No norte de Borneo encontram-se destes pitorescos pescadores com os seus apetrechos bem especiais e característicos.



A PANAMERICANA

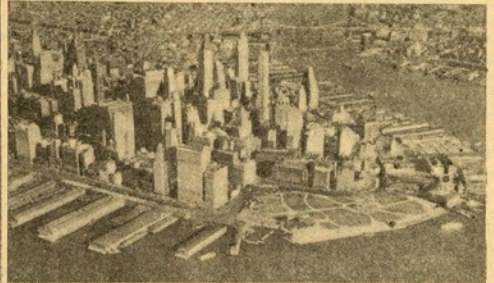
A grande estrada do mundo

Eis o traçado maravilhoso da Pan-Americana

Nova-York, ponto de partida para essa viagem gigantesca que é a travessia de toda a América Central

E depois, o Canal do Panamá com o seu pitoresco, o seu encanto e a sua importância vital

A monumental Cordilheira dos Andes, com o seu aspecto imponente e extraordinário



TUDO começou assim... O governo de Washington, no propósito de reforçar a defesa da América Central, aprovou a concessão dum empréstimo de vinte milhões de dólares às Honduras, a Nicarágua, a Guatemala, a S. Salvador e à Costa Rica, para a construção da estrada pan-americana, cuja importância é vital para a defesa do continente americano.

Em 1936, reuniram-se em Buenos Aires os principais interessados nessa artéria gigante que iria tornar a América, simultaneamente, mais pequena e maior.

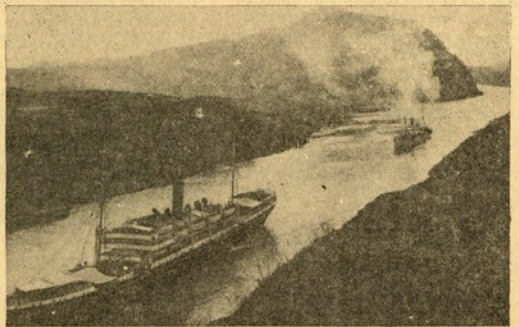
Em 1940, voltaram a juntar-se em Havana e o Comissário financeiro criado na conferência de Buenos Aires foi encarregado de estudar, de novo, a realidade do grande caminho pan-americano.

Mas foi oficialmente em 10 de Julho de 1936 que se firmou a inauguração do primeiro traço da Pan-Americana, ligando os Estados Unidos ao México.

• E o sonho, que a muitos parecia impossível de realizar, está bem próximo das realidades humanas.

Será possível qualquer pessoa partir em automóvel de Nova-York, descer até ao México, ao longo do Atlântico, percorrer toda a América Central, costeando o Pacífico, descer ainda, percorrer o Equador e o Perú, rumo a Santiago do Chile, donde depois atravessará a Argentina, para passar por Buenos Aires em direcção ao Brasil, carambolando na capital urugualana e desembarcando, finalmente, no Rio de Janeiro?

Decerto que sim — pensam todos os americanos de boa vontade. Por isso a Pan-Americana, uma das mais maravilhosas estradas do mundo, será para sempre um dos maiores orgulhos do esforço humano.



O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra

Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias

Uma magnífica edição

de «VIDA MUNDIAL»

A propósito de 'Inês de Castro'

LEITÃO de Barros, pioneiro do Cinema português, vai apresentar, dentro em breve, um novo filme — «Inês de Castro». Trata-se, pelas proporções e pela sua projecção, de uma obra que transcende a bitola comum. Não é apenas o maior espectáculo cinematográfico até hoje realizado em língua portuguesa, como ainda, e sobretudo, uma das realizações de mais vulto do cinema peninsular. Em Espanha, «Inês de Castro» é já um acontecimento — e ainda não foi estreada. E o facto, só por si, mede a importância deste empreendimento, sobretudo se nos lembrarmos de que a cinematografia do país vizinho tem produzido obras de valor excepcional. É mais difícil, portanto, e em matéria cinematográfica, triunfar em Espanha do que em Portugal.

O Cinema português deve a Leitão de Barros, além da contribuição normal do realizador, em filmes que atingiram, tantas vezes, a consagração popular, inúmeros serviços que nos parece oportuno relembrar. Ele foi o primeiro a romper com a indiferença votada ao cinema, na época em que empreendeu *Nazaré, praia de Pescadores, Lisboa e Maria do Mar*. Foi o primeiro ainda a realizar um filme falado na nossa língua, quando as enormes dificuldades que se antepunham eram de molde a desanimar o mais forte. A indústria de filmes, na nossa terra, deve-lhe o impulso decisivo, e que proveu quer do êxito da *Severa*, quer ainda da sua acção em prol da construção do estúdio do Lumiar. Leitão de Barros preferiu a missão de baterador a caminhar, com mais segurança, atrás dos outros... Escolheu sempre a tarefa mais difícil, para melhor saborear o triunfo. E acaba de vencer nova batalha, com o filme «Inês de Castro».

Durante muito tempo, falou-se na colaboração luso-espanhola, na necessidade de a intensificar, como solução para as grandes realizações cinematográficas dos dois países: Muitos tentaram essa miragem aliciante. Mas as iniciativas sossobram, desoladoramente. Leitão de Barros propôs-se, por sua vez, levar as duas cinematografias a uma íntima colaboração. Apresentou um projecto ambicioso e de vulto, erigido de enormes problemas. «Inês de Castro» é o fruto de dois anos de trabalho — e acima de tudo uma vitória pessoal contra o que se julgava irrealizável.

Não sabemos o que é o filme — nem interessa, para a conclusão a que pretendemos chegar. «Inês de Castro» pode considerar-se, sem dúvida, um dos maiores empreendimentos da cinematografia espanhola. E deve-se inteiramente a Leitão de Barros, que foi pedir ao país vizinho apenas os meios materiais de erguer o seu sonho. Está iniciada, assim, sob os melhores auspícios, a colaboração efectiva das duas indústrias. E Leitão de Barros foi novamente o primeiro a estabelecer as respectivas bases, fiel à missão que a si próprio impôs, de desbravar caminho, de negar os impossíveis do cinema nacional.

Temos que lhe agradecer a admirável lição de persistência que nos deu. O cinema português, na batalha do seu dia-a-dia, encontrará nela um exemplo edificante.

FERNANDO FRAGOSO

Se o Pai Natal ouvisse os votos dos técnicos e artistas do Cinema Português...

NA segunda-feira, aos primeiros alvares da madrugada, os sapatinhos deixados na chaminé surgirão, aos olhos deslumbrados dos respectivos donos, carregados de bonitos. Pai Natal, bondoso e amigo, continua a ser generoso, mesmo nos calamitosos tempos que vão correndo, pouco propícios a estas tarefas de Paz e Amor. Quisemos interrogar os produtores, realizadores e artistas do cinema nacional, para saber o que gostariam encontrar no sapatinho... Mas na impossibilidade de o fazer, decidimo-nos a adivinhar os seus próprios desejos, na esperança de ajudar o Pai Natal, quando tiver que baixar pela chaminé, a corresponder aos votos silenciosos expressos na muda parada de sapatos, chinelos, pantufas e botas de elástico do cinema português.

«Que quereria encontrar no sapatinho?» Anotemos as respostas:

Leitão de Barros: A certeza de que não se repetirão, com a «Inês de Castro», os panfletos dos historiadores eruditos.

Jorge Brum do Canto: A autorização necessária para que finalmente o deixem fazer um filme como êle quiere...

Braz Alves: Um bom «lamirê», para evitar futuras desafinações...

Artur Duarte: A garantia de que não se estreia mais nenhum filme português, até 31 de Dezembro. O prémio do Secretariado não se instituiu só para os outros...

António Lopes Ribeiro: Algum tempo disponível para acabar a «Vizinha do Lado»...

Armando Miranda: Massa para outro pão nosso...

Maria Domingas: A promessa de que os produtores, em 1945, se não esqueçam de que está cada vez mais bonita...

Santos Mendes: Muito público, a abrir alas, quando passar a noiva...

Oscar de Lemos: Um papel como o de «João Ratão»...

Carlos Porfirio: Um padrinho para

O Natal em Hollywood



NO dia de Natal, os estúdios estão fechados. Os artistas recolhem cedo às suas casas. Os «cabarets» e os «dancings» ficam desertos. E todos se preparam para comemorar a «festa da família».

Um pinheiro rebrilhante, a chorar lágrimas de luz pelos seus fios de prata, põe no recanto da sala um halo de ternura e felicidade. A ceia é discreta. E antes de deitar, os artistas de todos os rincões do mundo, entoam os cânticos das suas pátrias e evocam, saudosos, lares, amigos e família distante. Este ano ainda, um véu de tristeza e de luto envolverá essas imagens de outras terras e de outras gentes. Mas Hollywood, confiada e ansiosa, espera que este seja o último Natal de guerra.

PLANOS DE MONTAGEM

O próximo filme de Santos Mendes, depois de «Noiva do Brasil», é, ao que nos informam, «Matinée às 4», de Aníbal Nazaré, com Maria Sídónio na protagonista.

* * *

Armando Miranda prepara o seu terceiro filme. Os realizadores nacionais são como as «aves de arribação»... Depois de largos vótos, voltam sempre ao beiral dos estúdios... E tornam a fazer ninho...

* * *

Não há memória de um Verão de S. Martinho tão longo, tão ameno, tão radioso e tão limpido... A explicação é bem simples: a conclusão de um filme português dependia, até há pouco, de três dias de «exteriores». E a Natureza esperou, teimosamente, pelo início das filmagens, que pareciam estar, afinal, a pedir chuva.

* * *

«Inês de Castro», segundo se diz, será exibido em Madrid por todo este mês. E só em Janeiro, possivelmente, se realizará a sua estreia em Lisboa.

* * *

«Primer Plano» publicou uma reportagem retrospectiva: «Três artistas portugueses em Madrid». São êles: António Vilar, Eunice Colbert e Laura Puchol.

* * *

Dezembro vai adiantado, e ao que parece não será apresentado até o fim do ano mais nenhum filme. O Prémio do Secretariado seria assim disputado entre «A Menina do Rádio» e o «Violino do João». E julgamos não surpreender ninguém afirmando que o primeiro seria o triunfador. Poderemos dar os parabéns a Artur Duarte?

* * *

Jorge Brum do Canto encontra-se fora de Lisboa a convalescer duma passageira crise de saúde. Fazemos votos pelo seu rápido regresso aos estúdios — forma menos banal de lhe desejarmos pronto restabelecimento.

* * *

«A Noiva do Brasil» terminou. Oxalá seja uma árvore das «pata-cas».

As eternas desventuras sentimentais de Mickey Rooney: rodeado de mulheres bonitas e sem saber qual escolher. Drama tanto mais impressionante, quanto é certo que duas delas são gémeas e só espiritualmente diferem. A propósito, cabe aqui dizer que se fala numa possível reconciliação de Mickey e de Ava Gardner, a «provincianzinha que êle elevou da mediocridade», para nos servirmos da definição de certo jornalista americano...



Duma excursão da ria de Arosa e da ilha de Rúa, cuja paisagem não parece dêste mundo

VOLTEI, este ano, à Galiza, em férias. A paisagem fascinante do país galego, o primeiro país estrangeiro (prefiro chamá-lo estrangeiro a chamar-lhe estrangeiro, apesar da fronteira que o separa do meu, ser difícil de transpor...), que visitei, exerce sobre mim uma atracção inefável — e irresistível. Verdaderamente, não é só essa paisagem que me atrai. A paisagem é a expressão visual, apenas, duma realidade prática que, desde que entrei em contacto com ela, teve artes de me conquistar, para sempre, o espírito. Nessa realidade poética insere-se não só o que a Galiza me dá a ver, mas também o que me dá a ouvir. Não posso evocar a Galiza sem ver e ouvir as suas rias, porque elas se traduzem por mim em imagens com luz, cor, contorno, movimento — e som. Mas, vendo e ouvindo as rias da Galiza, vejo e oiço, na memória, sempre saudosa do país galego, os seus cantares, as suas tonadas, a sua música penetrante e doce, que me activa por uma indefinível melancolia e me fala uma inexprimível linguagem de sonho. Rumor de vento nos pinhais, sussurro de água na ria, *alalás* e *mulheiras*, tudo isso oiço, quando me lembro da Galiza. E essa expressão auditiva da paisagem galega — em que avulta, quando pela recordação dela me deixo empolgar, a melodia perturbante da «Negra sombra», que Montes compôs sobre a perturbante balada de Rosalia — tem forma para mim, uma forma inconfundível e incomparável. Toda a Galiza, a do litoral e a do interior, é música plástica e visão musical. Assim a entendo, assim me acostumei a querer-lhe, só assim a posso definir.

Nas três semanas que, desta vez, lá passei, estancando, a qual todo esse tempo, na ilha sortilhega da Toja, em meio da paisagem sedante da ria de Arosa, a mais maravilhosa das «rias baixas», e, talvez, de todas as rias galegas, nada me produziu uma impressão tão poderosa e indelevel como certa jornada dominical em que viajei conhecimento com a ilha de Rua. Ponto de banda — fora do mundo exótico que da África, mercê duma viagem inesquecível, me converteu em perpétuo enamorado — as paisagens assombrosas dos Açores e da Madeira, que, dificilmente, encontrarão rivais onde quer que seja, nada conheço, nem sei que exista, mais impressionante do que essa ilha rochosa emoldurada na mais poética das rias da Galiza.

A ria de Arosa, a que bastava a Toja para ser, na paisagem espanhola, motivo de especial referência, não se notabiliza, apenas, por essa ilha que a Providência benfodou. A ilha de Arosa, onde nunca desembarquei, mas que, por mais de uma vez, de perto, costeei, e cujos principais valores panorâmicos não me são desconhecidos, faz jus, também, a admirativa menção. Mais, muito mais, porém, do que a importante

homónima da encantadora ria, mais, até, do que a própria Toja, embora se trate de expressões muito diversas da fisionomia insular, a ilha de Rua assinala-se, excepcionalmente, entre quanto conhecido da Galiza.

Imagine-se um refúgio de piratas na solidão propícia da baía enorme, visitada, muitas vezes, por esquadras britânicas, que ali encontram o abrigo e o fundeadouro predilectos. Cinzenta, maciço de rochas a emergir das águas, ali mais batidas pelo vento do oceano que dos dois lados da ilha de Sálvora, na barra próxima, se esforça por investir contra a ria bonançosa e idílica, a ilha de Rua, ao mesmo tempo intimidada e entetida. Não sei de paisagem mais severa, mais forte, mais dramática, com aqueles monólitos colossais que sugerem as convulsões geológicas que o orbe sofreu, na sua ignota infância.

Um farol abandonado coroa a ilha deserta em que as galvotas e os corvos marinhos fazem escala nos seus vãos em cata de alimento. Longe, na costa do lado do Norte, o casarão de Puebla del Caramiñal e de Santa Eugénia de Riviera salienta-se, com frescura e coloração de aguarela, no bordo escuro e recurvo da beira-ria. Mais longe, para a banda do Sul, a península do Grove esfuma-se na cinza vaporosa do horizonte, que se estende como uma faixa demarcativa de dois azues: o marinho e o celeste, ambos suaves e transparentes, à luz do primeiro sol de Outubro. O perfil distante da ilha de Sálvora, as balizas flutuantes da ria, que, à noite, se iluminam e se transformam em pequenos faróis ao rés da água, uma ou outra vela enfunada pelo vento, pássaros do mar em adejos de recife para recife, de ilha para ilha, de margem para margem, eis o que a ilha de Rua, miradouro aberto sobre a amplitude da ria de Arosa, permite contemplar.

A resaca lambe, com seus belcos brancos de espuma, o pedregal da costa, onde é preciso procurar, entre as escarpas e falésias que o iodo marinho tisonou, um sítio de acesso, um pequenino pórtico com um pequenino cal, um fundeadouro em miniatura em que a lancha a motor, sem o risco das lufadas e das marés, possa, tranquilamente, abrigar-se e baloçar. O brando marulho isócrono, naquela solidão de penedia, dialoga, às vezes, com o grasso das galvotas e o crocote dos corvos marinhos — e dir-se-ia um diálogo em surdina, que mais faz avultar o silêncio impressionante naquele ambiente misterioso.

As paredes do farol, onde se abrem janelas e portas de majestosa traça antiga, são como um plinto para a torre, que pompeia, erecta como sentinela vigilante, sobre aquéle caos de pedra em que a presença do homem é um vestígio do passado. Entre rochedos monstrosos que sin-

(Continua na pág. 31)



O Porto é a cidade dos buracos...

...embora, na verdade, não possa comparar-se, a tal respeito, a cidade de hoje com a cidade de ontem, está muito mais achacada do que aquela à «buracomania». Dantes — recordamo-nos disso, perfeitamente — raro era o mês em que o Porto passava sem esta e aquela ruas com o pavimento levantado, paralelepípedos amontoados em estilo de barricada, e a terra, revolta, a completar o aspecto da urbe em pé de guerra. Isto era quasi diário — e quem este comentário redigir foi, como tantos outros habitantes da capital do Norte, vítima da mania de trazer a via pública constantemente esburacada e em obras. Uma vez, porque a luz era pouca ou nenhuma e, de entre o monte de pedras deslocadas o fizeram tropeçar e cair, uma pedra mais rebarbativa lhe entrou de esquina por baixo de um ôlho, lá ficando cego. Não o ficou, graças a Deus e aos cuidados do médico de serviço no banco do Hospital da Misericórdia, mas teve de suportar, estoiamente — passe a vanglória — meia dúzia de pontos naturais mesmo à beirinha da rica menina do seu ôlho esquerdo... Daí, nunca mais poder esquecer o malefício da velha pecha portuense de mezer e remezer no pavimento das ruas por dá cá aquela palha.

Hoje, se nem tudo mudou, ao contrário do que reza a letra de «O estudante alsaciano», é manifesto que há muito menos ruas esburacadas do que dantes. Em todo o caso, quem chamar ao Porto a cidade dos buracos não incorre em pecado de exagero por aí além. Mas, que não de fazer estes pobres trabalhadores municipais, se não lhes derem alguns buracos para abrir — e para tapar?

No Porto há hortas e jardins suspensos...

EMBORA o Porto seja, por certo, uma das poucas cidades europeias que mostram ainda, dentro do perímetro urbano, campos, bouças, montados e baldios, o certo é que os terrenos para culturas não abundam. As vastas áreas citadinas de plantio e sementeira que, por exemplo, são visíveis para quem passa ao longo da Avenida da Boavista, da Rua do Ameal, da Rua Central, da Foz do Douro, e doutras vias públicas portuenses mais ou menos extensas, são, como é óbvio, pertença de lavradores que, a seu talento, as cultivam e, como não é menos óbvio, não se preocupam com a necessidade, o gosto ou o capricho dos que não desdenhariam de ser, também, lavradores, mas — coitados! — nem para comprar um palmo de terra têm o bastante ao canto da gaveta...

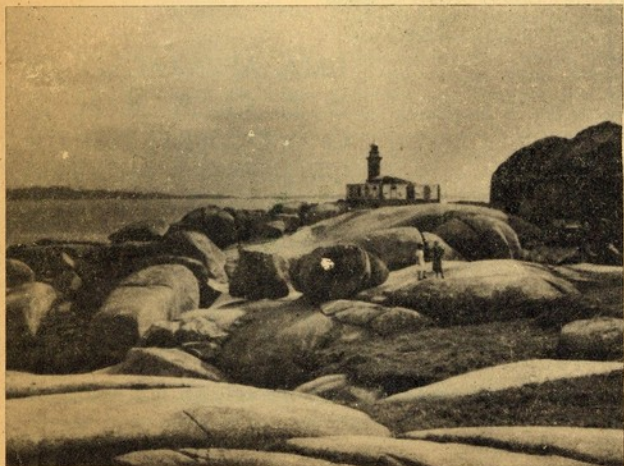
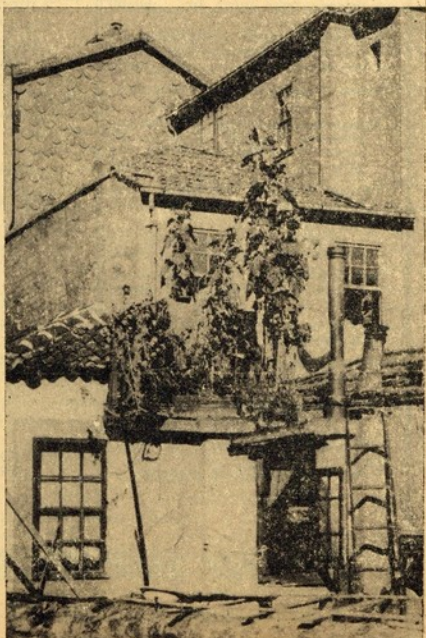
Dessa necessidade, dêsse gosto ou dêsse capricho dá este flagrante documento fotográfico idéia mais ou menos precisa e elucidativa. Em um metro quadrado, pouco mais ou menos, do telhado do modesto prédio que habita, uma engenhosa família portuense instalou uma espécie de horta e jardim a que uma escada de mão, facilmente conduz. Ali se cultiva, não diremos à farta, porque seria exagero condenável, mas em relativo desafogo, aquilo que agricultores mais favorecidos pela sorte com o chamado espaço vital cultivam noutros pontos da cidade.

Só nos parece que a segurança da horta ou do jardim suspenso está, pela sua situação, à mercê do respeito ou

próprios e alhelos que pelo telhado não deixam, certamente, de passar. Eis, na verdade, um sítio à maravilha para um bichano utilizar como latrina.

Nesse caso, adeus viço de tomates, adeus esplendor de girassóis, adeus beleza de hortaliças...

Em todo o caso, aquêle agricultor de telhado aproveitador *sui generis*, talvez, de tudo quanto é susceptível de dar à luz produtos da terra, merece uma citação e um louvor pelo seu engenho. Cuidado, porém, que não vá o exemplo proliferar! Imagine-se, agora, neste tempo de chuva e vento, uma tempestade a devastar as culturas dos beirais...





A MODA

FIGURINO MENSAL
ISENTO DE LITERATURA

Todos os meses apresenta uma coleção de 80 lindos modelos de vestidos e casacos para senhoras e crianças

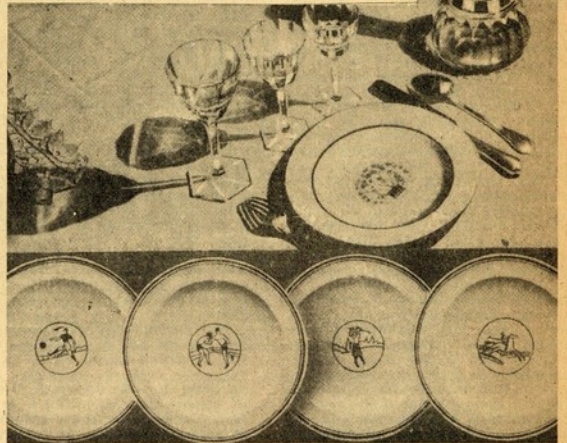
Preço: 5\$00

EDIÇÃO DA LOJA DOS FIGURINOS
RUA AUGUSTA, 185-LISBOA-TELEFONE 23569
TODAS AS REMESSAS PELO CORREIO
A COBRANÇA TEM UM ACRÉSCIMO DE 2\$00

FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - » 2 4948
AV. DA REPUBLICA, 57 - » 4 1189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - » 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA

LIVRARIA BERTRAND

R. GARRETT, 73/LISBOA/TEL. 20535 e 20536

EDIÇÕES RECENTES

O último olhar de Jesus, romance por Antero de Figueiredo, 1 vol. de 381 págs., br..... 20\$00

Tiragem especial, numerada e rubricada pelo autor, br... 60\$00

Volfrâmio, edição ne varietur, romance por Aquilino Ribeiro, 1 vol. de 446 págs., br..... 20\$00

Tiragem especial..... Esgotada

Mau tempo no canal, romance por Vitorino Nemésio (Prémio Ricardo Malheiros), 1 vol. de 478 págs., br..... 25\$00

Tiragem especial, numerada e rubricada pelo autor, br. 60\$00

As canções de António Botto, 1 vol. de 462 págs., br.... 20\$00

Tiragem especial, numerada e rubricada pelo autor, br.... 50\$00

Os contos de António Botto, 1 vol. de 436 págs., br..... 20\$00

Tiragem especial, numerada e rubricada pelo autor, br.... 50\$60

Almanaque Bertrand para 1945, 46.º ano de publicação. 384 págs. com 289 gravuras. Capa de Couto Tavares. Cartonado..... 18\$00

Está quasi esgotada a edição.

TODOS OS LIVROS NACIONAIS

UM SORTIDO ÚNICO
DE LIVROS ESTRANGEIROS

LIVROS EM FRANCÊS
DE FRANÇA

ANTIGOS E MODERNOS
DA ARGENTINA
DO CANADÁ
DOS ESTADOS UNIDOS
DA INGLATERRA
DA SUIÇA

LIVROS EM INGLÊS
DA INGLATERRA
DOS ESTADOS UNIDOS

LIVROS RAROS

LIVROS DE ARTE

GRAVURAS
SÓLTAS E EMOLDURADAS

SELECCOES
VICTORY

E TODAS AS REVISTAS
ESTRANGEIRAS



UMA AFIRMAÇÃO DE
SEGARRA
O VOCALISTA DA
ORQUESTRA MURILLO
CRIADOR DA CANÇÃO
"BESA-ME MUCHO,"

O triunfo da **DORLAN**
só é comparável ao de «Besa-me mucho»

a) Segarra

Filial no Porto: LIVRARIA INTERNACIONAL, LIMITADA

Rua de Santo António, 45 - Tel. 7973



Numa festa de beneficência realizada, há pouco, no São Luís, houve um leilão. Esse leilão terminou com um lote indito: uma gentil rapariga — Mademoiselle Reina Allen de Lima Baumberg — ofereceu um beijo e uma flor pela maior oferta. Foi um alvoroço na sala. Imediatamente as ofertas surgiram, ansiosas, quasi ofegantes: quinhentos mil réis, setecentos, um conto, dois contos, três contos, cinco contos, seis contos...

— Seis contos! Ninguém dá mais? Estão arrematado por seis contos um beijo e uma flor! — exclamou o pregoeiro, que era o Olavo de Eça Leal.

Pouco depois, no «foyer» do teatro, um categorizado membro da colônia francesa, que fôra o arrematante, recebia das mãos de Mademoiselle Reina Allen uma bela rosa escarlate. O beijo não foi dado. Num requinte de galantaria o arrematante pediu àquela linda rapariga que desse a sua mãe o beijo que lhe arrematara...

Eis em meia dúzia de linhas a história branca dum beijo côr de rosa!

DOUTORAMENTO NO FADO



No «café» Luso tomaram, recentemente, a alternativa dois jovens cantadores: Mário e Maria. Erclília Costa e Augusto Pereira apadrinharam os dois candidatos. Mário recebeu das mãos de Erclília Costa o simbólico «bouquet» da felicidade; Maria, das mãos de Augusto Pereira, o tradicional chaile de fadista. Tocou a charamelha das guitarras. Presidiu à cerimônia o reitor da Universidade do Fado, de capelo — e de borla... Nunca, como agora, o fado foi tão rigoroso...

AQUILINO AUTOMOBILISTA



Aquilino Ribeiro não é apenas um grande romancista: é um insigne automobilista. Maneja o volante — como maneja a prosa. Uma tarde destas, encontrámo-lo precisamente quando ele se peava do seu carro à porta da Bertrand. Vinha fresco e leve como se tivesse acabado de sair de casa — e, entretanto, quantas centenas de quilômetros caminhará! Viera das «Terras do Demo» pela «Estrada de Santiago» para trazer ao Chiado a «Maria Benigna» e a «Mônica», «Filhas da Babilônia»...

DIVIDAS



O visconde de... tinha um criado que fôra, durante anos, criado do Marquês de Alvi-to. Um dia o visconde voltou para casa à hora de jantar e perguntou, segundo o seu costume, se alguém o tinha vindo procurar.

— Veio, sim, senhor. Veio o cobrador dum Banco com uma letra para V. Ex.^a pagar...
— E que lhe disseste?
— Que se fôsse embora. Que V. Ex.^a não costumava, honradamente, pagar as suas dívidas!



Com a devida vénia

A Censura é uma instituição muito antiga. Quando Adão, tentado por Eva, comeu a tentadora maçã do pecado bíblico — o Criador censurou-o ásperamente. Tinha nascido a Censura. Quando no dia seguinte a «Folha de Parra» — o primeiro jornal que houve — pretendeu publicar a notícia de Adão, Eva, a maçã e a serpente, o Criador não permitiu a publicação. Tinha nascido a Censura à Imprensa. Desde então até hoje, duma forma ou doutra, a tesoura e o lápis azul muitas vezes têm sido postos em acção. Não falta quem afirme: em certas ocasiões é necessário. Não desejo entrar, neste momento, na discussão do assunto. Eu, salvo seja, sou, em princípio, contra a Censura. Mas se tem de existir — ao menos desejamos que ela esteja em mãos dignas, sensatas e generosas. Ao que nos afirmam, o sr. tenente-coronel Armando Larcher, que agora preside à respeitável Mesa Censória, reúne excelentes condições para o melindroso cargo em que o Destino político o investiu: é inteligente, cordato, conciliador, e mesmo quando nos deita em branco — já-lo com um sorriso côr-de-rosa. Já não é nada mau. Mas porque Sua Ex.^a está igualmente investido no cargo de sub-director do Colégio Militar, daqui lhe requiero que inscreva os jornalistas entre os «Meninos da Luz» — porque, de certo modo, os jornalistas são os «meninos» desta Luz que, há muito, procura iluminar o Mundo — e que se chama Imprensa!

Aqui fica, Ex.^{ma} Senhor Tenente-coronel Armando Larcher, o requerimento que

Espera deferência

O NOME TODO

DEUS jovens camaradas do jornalismo, querem um belo artigo de magazine? Pois aqui lhes ofereço um, sem quaisquer encargos. Vão aos escritores, aos políticos, aos artistas — e perguntem-lhes o nome todo. Terão revelações sensacionais. Surgir-lhes-ão verdadeiras surpresas. Sim, porque o nome literário, político ou artístico de cada um, é, em regra, uma amostra, uma partícula do nome todo. Quem se lembrará, por exemplo, de que Almeida Garrett era João Baptista da Silva Leitão e Alexandre Herculano — Carvalho Araújo? Quem se recordará, igualmente, que Eça de Queiroz era José Maria; Ramalho Ortigão, José Duarte — e Filho de Almeida, José Valentim? Mas com os vivos sucede coisa idêntica. Perguntem, investiguem. Se lhes disserem que o dr. Amílcar da Silva é Ramada Curto, que o sr. Arnaldo Pacheco é o actor Assis Pacheco e que a senhora D. Maria Zulmira de Almeida é Mirita Casimiro — talvez não acreditem. E, entretanto, nada mais certo. Tão certo como Augusto de Castro ser o senhor Sampaio Côte Real; Pereira Coelho o senhor José Maria Sardi-nha — e Matos Sequeira o senhor Gustavo Adriano. Quem presumirá que João Valério, o caricaturista, é o dr. Neves Pereira, e que Zeco — o incansável ilustrador desta página — é o sr. Borges Correia! Quem poderá supor que Robles Monteiro se chama Felisberto e o crítico Jorge de Faria, Brandão! Eu não lhes dizia? Aqui está um artigo. Ilustrado com as fotografias ou as caricaturas dos citados dá uma página — ou até duas. Investiguem, procurem, vão a casa de cada um, vão ao prior da freguesia ou à Conservatória do Registo Civil. Se não forem — telefonem. Mas não percam o artigo, que é de sensação. E, se por uma questão de generosa deferência, me quiserem ouvir, dir-lhes-ei que me chamo — quem o havia de dizer — que me chamo, além do mais, Luís de Abreu...

D. CARLOS



Um episódio contado por António Cabral referente ao rei D. Carlos e que não deixa de ter a sua significação. Era noite alta. No

Paço das Necessidades toda a gente repousava menos D. Carlos que, no seu gabinete, escrevia cartas como era seu costume todas as noites. Num quarto próximo, um familiar do Paço, muito da estima do soberano — o Joaquim — recolhera, doente, ao leito. Para ir para os seus aposentos o rei tinha de passar por diante do quarto do enfermo. Pois ao aproximar-se da porta, o monarca descalçou as botas e entregando-as à pessoa que acompanhava, murmurou:

— Toma lá. Não quero fazer barulho ao Joaquim, cotado!

DOIS FREIS



Em pleno Chiado — a verdadeira Calçada da Glória Nacional — António Boto e Tomás de Eça Leal conversavam, um dia destes, com des-

sada animação. Falavam de literatura. Tomás de Eça Leal asseverava que o melhor livro de versos dos últimos tempos eram os «Contos» de António Boto. António Boto garantia que o melhor livro de prosa eram os «Amorosos», poemas de Eça Leal. Depois de discussão larga chegaram a acôrdo, não sem terem exclamado:

— Bem prega Frei António!

— Bem prega Frei Tomás!

ESTANTE GIRATORIA



A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes livros que lhe foram enviados: a nova edição dos «Contos» de António Boto,

espécie de Apólogos, espécie de Fábulas, em que o filósofo, dando o braço ao poeta, passeia num verdadeiro jardim em flor; e «Eça de Queiroz», de Lopes de Oliveira, sugestivo e valioso subsídio para o estudo da figura e da obra queirozianas, e que a «Vida Mundial Editora», em boa hora, lançou a público na moldura duma elegantíssima edição.

OFICIAIS DO MESMO OFICIO



A porta da Brasileira conversava, ainda não há muito, um dos nossos autores dramáticos com um dos nossos críticos mais conhecidos. Falavam de coisas teatrais e, em determinada altura, o nosso autor permitiu-se confidenciar ao crítico:

— Eu deixei por completo de ir ao teatro ver as peças dos meus eminentes colegas...

— Mas porquê? — interrogou o crítico.

— Porque se as peças são más, aborreço-me; e se são boas... não gosto!

LAVANDE DOUBLE



frescura
d'uma
fonte

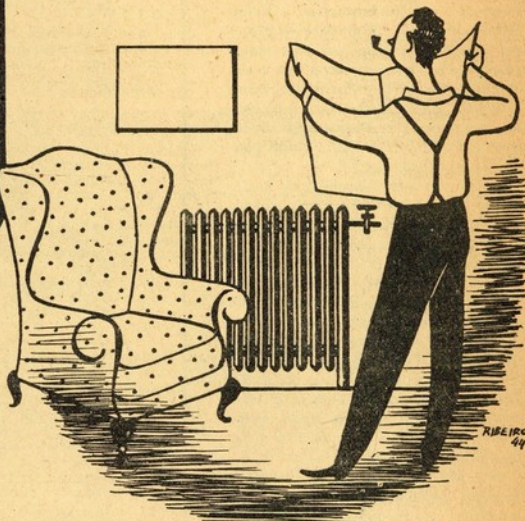
Experimente já Lavande Double, a Água de Colónia que perfuma, tonifica, refresca e dá esplêndida disposição. Uma simples fricção depois do banho, tanto basta!

L.T. PIVER



QUE DIFERENÇA!

O AQUECIMENTO CENTRAL
"ELLDA"
DA FUNDIÇÃO DE OEIRAS
AQUECE TODO O AMBIENTE



EST.ºS JOAQUIM GOMES PORTO

DISTRIBUIDORES DOS PRODUTOS DA FUNDIÇÃO DE OEIRAS
RUA DO LORETO 61 LISBOA TELEFONE 22667

3 PÁGINAS DO DIÁRIO DE UMA RAPARIGA MODERNA

DIA 1—A Mizi apresentou-me hoje o Licas, empregado superior do Banco. Tinha ido tomar chá ao Trianon, quando eles apareceram. O Licas é um tipo bem, tem uns belos cabelos muito ondulados. Vestiu muito bem aquele casaco aos quadradinhos e usa uma gravata amarela com pintinhas vermelhas que lhe dá tom. Toda a tarde me olhou de um modo tão insistente que eu percebi muito bem que ele estava a meter conversa de outra ordem. À saída, arranjámos as coisas de modo que fomos meter a Mizi no «táxi» e nós seguimos avenida acima, a falar de coisas engraçadas.

O Licas deve ser um bom ponto! Faz natação, prefere a cerveja ao «whisky», que lhe faz tonturas, gosta dos galãs à Tyrone, e a Betty Grable é a melhor artista deste mundo. Como eu também sou da mesma opinião e temos as mesmas idéias a respeito de muitas coisas que não

aponto aqui, porque nunca se sabe até onde chegam os olhos da mamã, acho que vamos entender-nos.

DIA 15—O Licas, afinal, não é empregado superior do Banco. Confessou-me hoje que só ganha sessenta escudos. Confesso que fiquei aborrecida. A mamã anda sempre a maçar-me com o «é preciso poupar» e eu, afinal, não vejo como possa o Licas manter a casa com um ordenado que me não chega para as estreias e consertos na modista. É certo que o Licas é um rapaz bem, um meminho-queque que me põe arrepios na espinha, quando me olha daquela forma profunda. E, depois, o Licas tem ainda outra grande qualidade. Nunca me maça com a chatiche dos calões. A Mizi é que me não parece da mesma opinião. Fala que se pela numa linguagem ordinária. Mas eu estou a fazer por pô-la ao largo das nossas conversas. Eu e o

Licas chegámos à altura do quanto mais sós, melhor acompanhados. Ontem, como ele gosta do pitoresco, levou-me a um «bar» pires da Mouraria. Ao princípio senti a cabeça à roda. Mas, depois, acabei por gostar. Quem não gostou foi o professor de português, que se fartou de gritar que eu só dizia asneiras. Faltei à lição de inglês, foi o resultado da brincadeira. Mas uma rapariga da minha idade não há-de fazer por se emancipar das preocupações da vida e procurar fora delas um bom companheiro como o Licas?

DIA 30—Não quero chorar! Afinal, o Licas não é empregado subalterno do Banco! Vim a saber, hoje, pelo Tóto, que foi meu namorado, que ele anda desempregado e namora a Mizi. O pai dela tem dinheiro que se farta, e a descarada queria que eu lhe fizesse de pau de cabeleira.

O Licas apareceu-me hoje com aquele detestável cabelo ondulado a ferro, a gravata amarela às pintinhas e o casaco maricas. Eu vinha a sair da escola. Mais atrás, vinha a aterrorizada da Mizi. Voltei-me para os dois e apresentei-os diante de todas as companheiras: «O menino-pelintira e a princesa do luar! Namoram-se e vão tomar chá ao Trianon!». A Mizi torceu muito o nariz, o Licas desandou e eu vim para casa furiosa. Mas não quero chorar! Tudo acabou entre nós, não ligo a homens pelintras caçadores de dotes. Isso é bom para a Mizi, que tem muito que se lhe diga!

(Notas copiadas, durante uma viagem em carro eléctrico, de uma agenda de uma menina de 16 anos pintadas de 30).

CLARA DE ASSIS

Uma Exposição de Arte Decorativa



No estúdio de S. Pedro de Alcântara efectuou, há dias, a sr.ª D. Margarida Barbosa Pinheiro uma exposição de trabalhos manuais e artes decorativas que foi muito apreciada e que marcou como acontecimento mundano. Damos um aspecto do acto inaugural.

Salão de Viena, L. da
exposição e venda de utilidades de bom gosto aos melhores preços

PELES E CONFECCOES
MEIAS ★ MALHAS ★ LINGERIE
MALAS ★ CARTEIRAS ★ PERFUMARIA

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 27-1.º LISBOA



GERENCIA DE SOUSA BRANCO

OLD ENGLAND
SARMENTO & C.º

Rua Augusto-Esq. da S. Nicolau

Fatos, sobretudos, gabardines e todo o género de vestuário, confeccionado em todas as medidas para homens e meninos

(Arquivo de opiniões, alvires, comentários, etc.)

O QUE PENSA MANUEL PEREIRA SOARES

...Penso, em minha modesta opinião, que a página «Mistério e Aventura» é das melhores, sendo a melhor de «Vida Mundial Ilustrada».

...Penso que estes problemas desenvolvem muito a inteligência do indivíduo, obrigando-o a golpes de vista e de raciocínio que tão necessários são na vida prática.

Penso que o prêmio e dar ao vencedor dos Concursos Mensais — uma novela policial — devia ser substituído pela fotografia do vencedor, pois assim haveria melhor ensejo de conhecer os competidores e as competidoras!

Manuel Pereira Soares

A OFERTA DUM LEITOR ANÔNIMO

...Eu ofereço uma taça de prata que será denominada «Taça Repórter Mistério», para o concorrente que nos primeiros seis Concursos Mensais consiga mais vezes figurar como vencedor nas duas categorias (produtores e solucionistas), em conjunto.

Anônimo

A OPINIÃO DE NATÉRCIA LEITE

«Acho uma página muito simpática. Considero-a um passatempo agradável e um exercício de raciocínio, e quanto mais difíceis são os problemas mais interesse me merecem.

Quanto aos Concursos Mensais foi uma idéia esplêndida! A página torna-se mais curiosa, e nos problemas procuraremos verificar o grau de originalidade do produtor.

Natércia Pereira Leite

IVONE COSTA DEPÖE...

Reportando-me aos problemas que têm sido publicados, aparte algumas deficiências quanto a nitidez, considero os trabalhos apresentados dignos da maior lisonja, tendo-me despertado grande interesse os problemas n.º 18 e 22.

Quanto aos concursos a organizar estou inteiramente de acordo com o

meu colega Leiria Dias, no que diz respeito à votação.

E, a fim de evitar «votos de favor», de pessoas que só apareciam no fim do mês, de propósito para votar em A, B ou C, deviam ser publicados «cupons», e só mediante o envio destes ser aceita a votação.

Além disso, acho que só se devia publicar em cada mês um problema de cada produtor e, no caso de ser possível, escolher produtores de localidades diferentes.

A OPINIÃO DE JOÃO ALBERTO GOUVEIA

Acho a página «Mistério e Aventura» bastante benéfica pela ginástica a que obriga o nosso raciocínio, aliando-lhe o prazer recreativo, o que não sucede com problemas de matemática.

Preferio os problemas em que os pormenores fundamentais se encontram nas legendas.

Na parte «produtores», modalidade a que não concorrerei mas que classificarei, acho, de facto, preferível o confronto, no final do mês, dos problemas publicados, atribuindo-lhes uma bitola de 4, 3, 2, 1 pontos.

A sugestão da publicação da foto do vencedor seria talvez mais aconselhável a esta primeira série, visto que não tem qualquer prêmio a estimular-las.

NAO ESQUECER

Todos os leitores que o quiserem fazer deverão pronunciar-se sobre as idéias expostas na Tribuna do Leitor.

QUAL É A SUA OPINIÃO?

Leitor: sempre que tenha um alvire para dar, um comentário a fazer, um reparo a mencionar, não hesite — dê-nos a sua opinião.

Recebemos, com igual agrado, os aplausos e as censuras que possam trazer benefício à orientação desta página.

Lembre-se sempre: a Tribuna dos Leitores espera pela opinião e pelas sugestões e pelas críticas de todos os leitores.

Concursos mensais de Mistério e Aventura

ARQUIVO DE PROBLEMAS

Recebemos mais os seguintes problemas, para o devido estudo:

O Punhal Vingador — por Rocanbole (Lisboa).

A tragédia da Mina — por António Ramires (Minas dos Carris).

QUADROS DE CLASSIFICAÇÃO

Atendendo aos pedidos dos muitos leitores desta secção, publicaremos, também no próximo número, os vários quadros de classificação (Quadro Geral, Quadro de Mérito Absoluto e Quadro de Mérito Relativo) referentes aos 25 problemas da nossa primeira série.

E — quem sabe? — talvez façamos,

por essa ocasião, uma pequena surpresa aos nossos estimados e brilhantes solucionistas.

REGULAMENTO GERAL

E, finalmente, já no próximo número que publicaremos o regulamento geral dos próximos Concursos Mensais, que devem iniciar-se no dia 4 de Janeiro de 1945, ou seja em pleno alvorecer do novo ano...

CORRESPONDÊNCIA

A correspondência deve ser sempre dirigida a Repórter Mistério — «Vida Mundial Ilustrada» — Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

Quadro dos menos maus...

Solucionistas do problema n.º 25

NOTA — Infelizmente, nenhum dos brilhantes solucionistas desta página conseguiu deslinhar o verdadeiro mistério do problema n.º 25. Ninguém pensou a sério na hipótese dum suicídio, apesar de tudo...

Entretanto, alguns leitores apresentaram deduções dum certa lógica.

Foram os menos maus que, por consideração, registamos neste Quadro Especial. Os outros, porém — a grande maioria — nem chegaram, sequer, aos cinco pontos.

Eis os que se evidenciaram, por ordem de pontuação, mas sem alcançar o Mérito Relativo:

(7) Homem do Cachimbo (Lisboa).....	26 pontos
(19) Mimi Sherlock-Holmes (Lisboa).....	21
(6) All-round Detective (Maфра).....	19
(22) Zlrteba (Lisboa).....	14
(18) Artur Varatojo (Lisboa).....	12
(20) João Alberto Gouveia (Lisboa).....	12
(7) José de Sousa (Pôrto).....	12
(19) Rapsag (Setúbal).....	12
(4) Detective Águia (Lisboa).....	11
(3) Fantomas (Lisboa).....	11
(23) Leiria Dias (Lisboa).....	11
(15) Philo-Vance (Lisboa).....	11
(14) R. P. (Lisboa).....	11
(18) Teimoso n.º 1 (Loulé).....	11
(15) O Lobo Solitário (Pôrto).....	10
(3) Repórter Licam (Pôrto).....	10
(3) Rocanoll (Nelas).....	10
(6) Esog Rapsag (Covilhã).....	9
(17) Alberto de Penamacor (Coimbra).....	8
(2) Somos Dois de Braga (Braga).....	8
(5) Detective Vaos (Pôrto).....	7
(1) Semunobas (Tavira).....	7
(7) Inspector Manardo (Setúbal).....	6
(14) Detective de Calças (Coimbra).....	5
(18) Ivone Costa (Lisboa).....	5
(21) Natércia Pereira Leite (Lisboa).....	5
(17) Rómulo (Lisboa).....	5

Veja se descobre

Devido ao êxito dos nossos problemas fisionómicos apresentamos hoje mais um aos nossos leitores. Veja se descobre, apenas pelos traços da fisionomia, que designação cabe a cada um dos retratados expostos — aliás, todos êles personagens da vida real.



1 É um assassino, um lavrador, um juiz ou um chefe de polícia?



2 É um director bancário, um comissário policial, um falsificador ou um médico?



3 É um leiteiro, um funcionário da polícia, um carcereiro ou um agente alfandegário?



4 É um «bozeurs», um ladrão, um advogado ou um actor teatral?

Cada resposta certa vale 5 pontos.

(Ver respostas no próximo número).

CORRESPONDÊNCIA

INSPECTOR MANARDO (Setúbal) — Lastima que «Philo Vance» continue na sombra e dá os parabéns a Mimi Sherlock Holmes (Lisboa), pela boa posição que ocupa.

LORD JACKSON (Aveiro) — Veremos o seu problema quando chegar a altura.

ELVIRA CASTRO (Ermeziñde) — A rectificação que aguardava safu no número de 7 de Dezembro. Porque não procurou decifrar o problema, se estava animada de tanto entusiasmo?

REPORTER LICAM (Pôrto) — A prova de que o problema n.º 24 não tinha êsses paradoxos que o senhor apresenta, está no número regular de solucionistas do mesmo problema. Aliás, o senhor figura, também, nesse número. De que se queixa, afinal?

ARTUR VARATOJO (Lisboa) — A sua última sugestão está a ser atentamente estudada. Agradeço os incantamentos e os imerecidos elogios.

ALL-ROUND DETECTIVE (Maфра) — Li com prazer a tua enorme carta. Mas... esperava mais, mais e melhor. Compreendes-me? Quanto à minha obra «retretamento psicológico» não será... um pouquinho exagerado?

REPORTER MISTÉRIO



UM ANÃO CRIMINOSO

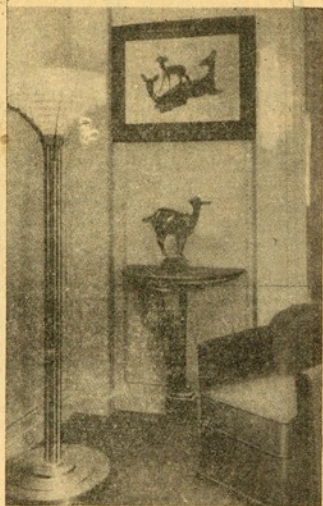
Em Estambul, a velha Constantinopla, deu-se há tempos um crime deveras misterioso. Apareceu morto um D. Juan dos bairros populares. Nas investigações constatou-se que o tiro devia ter partido de muito baixo.

Procurou-se o criminoso entre os rivais amorosos, mas todos êles demonstraram a sua inocência. E o caso parecia já insolúvel quando um dos bons detectives da polícia se lembrou de procurar o assassino entre os anões de Estambul.

E teve sorte. Ao cabo de alguns esforços, conseguiu saber que um dos anões estava doente desde o dia do crime. Forçado por contínuos interrogatórios, o anão confessou o seu crime: êle ganhava a vida a vender bilhetes de lotaria pelos cafés. Tinha uma boa e numerosa clientela. Assim juntara muito bom dinheiro. E êsse dinheiro era cobrado. Uma noite, ao entrar em casa, viu um desconhecido, que o tentava roubar. Alucinado, fez fogo para o ar, a fim de acordar a vizinhança. Mas quando um anão atira para o ar sujeita-se a atingir um homem normal. Foi o que aconteceu. O tal D. Juan caiu redondamente no solo. Então, o anão arrastou-o, pela madrugada, para o fim da rua, e quando voltou a casa caiu de cama doentíssimo pela emoção de tudo aquilo...

O anão tinha 48 anos e 72 centímetros de altura. Tiveram de lhe colocar as algemas. Mas os agentes viram-se embaraçados. As minúsculas mãos do anão eram muito pequenas. Recorreram, então, a um expediente inédito nos meios policiais de Estambul: numa só algema apertaram as duas mãos do anão.

Como as boas intenções do anão tivessem sido reconhecidas, foi pôsto em liberdade provisória e os seus fiéis clientes pagaram a caução reclamada pelas autoridades. Esperam ser pagos dêste belo gesto, ganhando a sorte grande, graças aos bilhetes comprados ao seu «anão» favorito... e assassino.



JOAL

MOVELS
DECORAÇÕES
ESTOFOS

TELEFONE 44033

JOAL

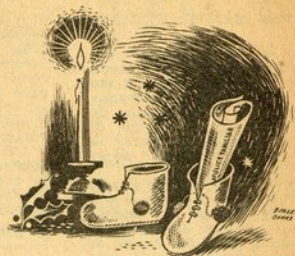
*A casa que leva o bom gosto ao
vosso lar*

AV. ALMIRANTE REIS, 233-B-AO ARIEIRO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE NOS SEUS SALÕES

VIDA
MUNDIAL

AS MELHORES
BROAS DO NA-
TAL, NUM LAR
FELIZ, SÃO A GA-
RANTIA DO FU-
TURO DA FAMI-
LIA ATRAVÉS
DOS SEGUROS



FAMILIAR E DOTAL



ENFRENTANDO OS ENCAR-
GOS DA EDUCAÇÃO DOS FI-
LHOS E CONSTITUINDO-LHES
UM DOTE NA MAIORIDADE.

La Nationale - Vie
Fundada em 1830

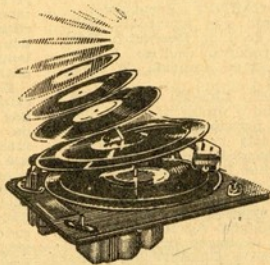
Seguros de Vida em todas as modalidades

RUA ÁUREA, 87-1.º e 2.º—TELEFONES 23116/17

V.M.

DISCOFONES AUTOMÁTICOS

TOCANDO INDISTINTA-
MENTE DISCOS GRAN-
DES E PEQUENOS
PERMITINDO A ORGA-
NIZAÇÃO DE PROGRA-
MAS MÍXTOS FEITOS AO
GOSTO DO OUVINTE

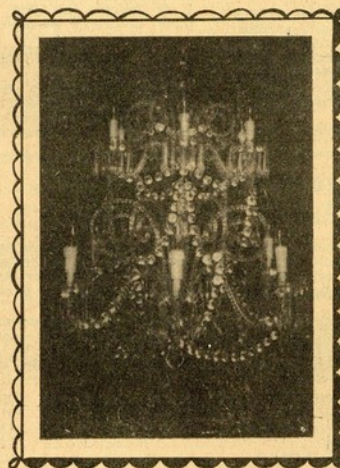


AS OBRAS MÚSICAIS DOS GRANDES
MESTRES GRAVADAS EM DISCOS PELOS
MAIS REPUTADOS ARTISTAS, EM ACO-
PLAMENTOS ESPECIAIS PRÓPRIOS
PARA SEREM REPRODUZIDOS AUTO-
MATICAMENTE

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

V.M.

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-
-JOURS ★ CANDELABROS ★ CANDIEI-
ROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

V.M.

TEATRO RADIOFONICO

Recebemos uma carta dum ouvinte radiófilo que se queixa do nível do Teatro Radiofónico, acusando os autores e, depois, os intérpretes. Ora, nós poderíamos gastar muita tinta e muito papel com este assunto. E, no entanto, preferível que transcrevamos umas linhas da introdução do livro «A Voz da Rádio».

«Os motivos que me obrigam a escrever mais diálogos simples, do que Teatro Radiofónico propriamente dito, devem-se ao funcionamento adivo um tanto provisório das nossas estações de Rádio, devem-se aos seus reduzidos orçamentos e devem-se também à penúria de recursos humanos verificada no nosso país nos terrenos baldios da arte de falar ao microfone, com vivacidade, frescura, anti-pressão e personalidade.

Quando — por mero vício de comunicar pessoalmente com o público, visto a remuneração ser quasi nula — agarro na caneta para escrever um programa radiofónico, começo logo por esbarrar nos inconvenientes a que me referi e em outros. A valorização do factor som, não se pode quasi levar em conta. O amadorismo e a falta de material que presidem à montagem dum acto radiofónico, em todas as estações da nossa Rádio, forçam o autor a escrever, de antemão, uma coisa muito fácil de realizar, tão fácil que pouco mais lhe seja preciso, além dum microfone, um ou dois discos comerciais, uma campanha e duas ou três vozes, que ele, autor, já sabe para o que servem e que não servem para outra coisa senão para aquilo que ele sabe que servem.

E, mais adiante:

«Preguntarão os leitores porque motivo o Teatro Radiofónico está ainda tão desprovido de recursos entre nós? Isso levava muito tempo a explicar, com uma explicação cheia de contingências a que eu, na minha dupla qualidade de autor radiofónico e de locutor não posso, de modo nenhum expor-me.

Em resumo, e fugindo o mais possível às contingências da explicação, direi ainda que outro grave atraso do Teatro Radiofónico está na reduzidíssima soma de dinheiro que se tem colocado à sua disposição. A Rádio, como o cinema e a aviação, é uma brincadeira muito dispendiosa. Não se resolve com notas de cem escudos! Só funciona, decentemente, com um generoso e indifferente desperdício de milhões, espalhados à direita e à esquerda, sem contar. Doutra maneira não se consegue nunca a necessária caça de valores nem a respectiva cultura e desenvolvimento progressivo desses valores e muito menos a sua ampla e insaciável aplicação prática».

CARTAS DOS OUVINTES

TOBIAS (Lisboa) — Chama-se Maria Eugénia Branco. — Não damos moradas particulares. Escreva para a E. N. — Não sabemos.

«ENTUSIASMADA PELA M. E.» — Nada sabemos sobre o caso. Tudo depende da própria, da direcção das emissoras e dos organizadores de espectáculos...

ANTONIO DA SILVA — Não sabemos nada sobre o que pergunta. — Obrigado pelas suas palavras.

UMA CURIOSA (Lisboa) — Não será um defeito motivado pelos seus olhos?... No entanto, se realmente assim é, paciência!... Nem todos podem ser perfectos!... — Indiscreta...

«GONGS»

Oscar de Lemos e Arménio Silva fizeram a sua reparação radiofónica ao microfone de Rádio Clube Português. Consta que está a pensar-se na possibilidade dum exclusivo que impossibilitará estes artistas de trabalhar na E. N.

O programa «Gostos não se discutem» era, antigamente, um programa vulgar e sem interesse. Igrejas Caello, trabalhando esse programa com a sua habitual boa-vontade, transformou-o, porém, num éxito absoluto. Mais uma vez se confirma que o público prefere que se converse e se comunique com ele a que se diga friamente o habitual «vão ouvir, acabaram de ouvir»... A Igrejas Caello, os nossos parabéns.

Tem feito serviço, como locutor estagiário, em Rádio Clube Português, o antigo locutor de Rádio Peninsular, Alberto Afonso.

Foram gravadas, recentemente, mais algumas provas de candidatas a locutores da E. N.. Essas provas incluem os nomes de conhecidos elementos da Rádio portuguesa. Preparem-se, pois, estimados ouvintes, para captar novas vozes através da E. N....

A BBC, no seu programa normal de ondas médias, transmitiu há duas semanas um esplêndido programa de música portuguesa, apresentado em inglês. Fêz serviço de locução Ribeiro de Carvalho, que foi excepcionalmente feliz nesse seu trabalho. Eis um programa que devia servir de molde a muitos que por aí se transmitem. Imitar não é muito mau, quando se imita o que é muito bom...

«Rádio Clube Invicta» («Envieta», segundo o seu locutor...), está a primar pela falta de originalidade. Os seus programas seguem, muitas vezes, idéias alheias e já têm aparecido títulos que são, simplesmente, copiados. É lamentável.

* Rádio Clube Português transmite, aos domingos, de manhã, às 13,30, um programa de «Um amigo de Portugal». A mesma voz, o mesmo estilo, quasi o mesmo programa, mantém-se há anos. Desde que começou, até hoje, tem sido sempre dum nível que, por vezes, quasi toca o ridículo. No entanto, pior do que tudo é a voz de quem o apresenta. Não será possível uma modificação?

* O programa-tipo da E. N., a começar no próximo ano, procura apresentar o maior número possível de programas vivos. Consta que se pensa incluir amudadas vezes, pequenas reportagens.



JOSÉ Fernandes, que trabalhou na Alemanha como locutor, é conhecido de todos os radiófilos, incluindo os que lêem a nossa Revista, pois já por nós fora entrevistado. Começou a trabalhar na Rádio em 1935, actuando nas emissões para o Brasil transmitidas pela estação oficial alemã.

Encontrava-se fora da Pátria, cursando medicina numa Universidade estrangeira. Os seus estudos foram interrompidos, e uma vez descoberta a sua vocação para a Rádio, entrou deliberadamente na prática radiofónica.

A sua actuação tendeu sempre para a reportagem. Os seus conhecimentos médicos facilitaram-lhe bastante — ele no-lo diz — a vitória sobre as dificuldades desse género radiofónico. Assim, pouco a pouco foi ganhando à-vontade até conseguir a técnica especial que por fim usou e tão bom resultado lhe deu.

Na missão de repórter radiofónico percorreu, na Europa Central, cerca

R A D I O



DINAH SHORE

Uma artista de Rádio que é multimillionária

Δ QUELES que ouvem com regularidade os programas das emissões Inglesas ou norte-americanas conhecem, com certeza, Dinah Shore. Alá, todas as estações do mundo transmitem gravações desta artista. Pois, Dinah Shore é a mais popular cantora da Rádio norte-americana, e ganha cerca de 1.000 contos por ano...

«Miss» Shore — cujo verdadeiro nome é Francis Rose Shore — canta, por exemplo, durante dois minutos no programa de Eddie Cantor e recebe, por isso, 300.000 dólares por semana (cerca de 8.000 escudos, em moeda portuguesa); recebe semanalmente entre 1.000 a 1.500 dólares (uma média de 15.000 escudos) para se mostrar em «carne e osso» nos grandes cinemas; recebe, graças ao éxito fantástico das suas gravações, cerca de 20.000\$000 por cada face gravada, isto é, 40.000\$000 por disco... E, cumpre ainda os seus habituais contratos pagos a peso de ouro!...

O princípio da sua carreira foi como vocalista da orquestra de Tommy Dorsey, que também revelou Frank Sinatra.

Passou, depois, pelas orquestras de Leo Reisman, Xavier Cugat, etc., até que se tornou artista isolada sob contrato da N. B. C. Trabalha nesta estação, desde 1938. Há, no entanto,

uma grande diferença: em 1938, Dinah Shore cantava com orquestras de fama e ganhava \$85.000 dólares por semana; hoje, são as orquestras de fama que aspiram poder acompanhá-la e ganhar \$85.000 dólares por semana... Além da Rádio, Dinah Shore tem contratos com empresas de gravação de discos (Victor, His Master's Volk, etc.) e com o cinema. Filmou «Up in Arms», que passará brevemente em Lisboa. Eis o que vale na América a simples qualidade de cantar bem...

Nas fotos, vê-se Dinah Shore com um sumptuoso vestido de muitos contos de réis, e ensaiando com Count Basil e Charles Rogers.



ATRÁS DO MICROFONE

JOSÉ FERNANDES

locutor português dá-nos as suas opiniões

de 20.000 quilómetros. As suas reportagens, sempre feitas em português, conseguiram, de facto, a culminância rara de interessar todo o mundo.

É o único locutor português agraciado com a mais elevada condecoração pelo governo dum país estrangeiro.

Das mãos do chefe do Estado alemão, José Fernandes recebeu, como louvor do seu belíssimo trabalho, a medalha olímpica, quando das reportagens olímpicas de 1940.

A ele se deve a primeira realização dum intercâmbio radiofónico oficial entre países longínquos. Depois do intercâmbio luso-alemão, por ele proposto e orientado, surgiram, como sequência da sua idéa, os intercâmbios luso-britânico e luso-americano.

Actualmente, José Fernandes tem entre mãos um trabalho do mais alto interesse radiofónico, que se propõe apresentar às autoridades portuguesas competentes: a criação da Academia Portuguesa da Rádio.

Só por esta pequena apresentação — aliás desnecessária para os verdadeiros rádio-ouvintes — se depreende facilmente o valor profissional do locutor que hoje trazemos às colunas da nossa Revista.

— Como começou na rádio, José Fernandes?

— Nervoso e a medo... Levado para esta profissão pelo dr. Dietrich, alma técnica da organização radiofónica das olimpíadas de 1940, comecei por sentir o mais pavoroso medo do microfone...

— E depois?...

— Depois, o tempo, a prática e as partidas dos colegas, principalmente estas, foram-me dando a calma necessária... Mas devo aquêles que trabalharam comigo no meu princípio a valiosa ajuda que me deram para vencer o medo...

— Hoje, locutor feito e dos mais

(Continua na pág. 22)



O "Times" e o govêrno

Há oito dias que punhamos aqui mesmo os pontos de partida da interpretação do caso grego, após a cisão entre as forças patrióticas daquele país e a intervenção militar britânica e o seu significado no quadro geral da situação política e diplomática internacional. Procurando caracterizar — através do pensamento expresso pelo Primeiro Ministro britânico — o conteúdo dos próprios acontecimentos, falávamos do que se podia apontar como «A polícia da Europa». Uma confusão lamentável, proveniente, aliás, de simples inadvertência tipográfica, transformou a «polícia» em «política». (Salvo seja!).

A verdade é que, ao fim de mais oito dias, os acontecimentos na Grécia continuam a ser o foco principal das atenções de quem segue a marcha da guerra — e a importância desse episódio local é de tal ordem que faz passar a segundo plano todos os outros aspectos internacionais, incluindo o próprio curso das operações nas frentes de batalha. Um jornal inglês, à data do debate nos Comuns, que concluiu pela declaração de Churchill, dizia que em nenhum momento, depois de Munich, se pudera dar conta de tamanha ansiedade. Efectivamente, é difícil fugir à recordação de Munich-1938. Tal como por ocasião do acôrdo inspirado e subscrito por Neville Chamberlain, que foi o vértice da política que se chamou de «apaziguamento», a política ditada pelo gabinete de Londres em relação à Grécia suscita, por toda a parte, um ambiente geral de debate. Sem contar, naturalmente, com a própria partilha de opiniões entre os gregos, viu-se a imediata reacção dos Estados Unidos, onde o secretário de Estado (ministro dos Estrangeiros) manifestou sem demora o seu desacôrdo com a política de Londres, viu-se a manifesta cisão de opiniões no seio do Parlamento britânico e vê-se, ainda agora, a aberta preocupação dos jornais ingleses de todos os sectores, que não largam o problema, esgotando-lhe todas as possibilidades de comentário. «Infelizmente — dizia o «Manchester Guardian» — este discurso (o de Churchill), parece ser mais para convencer os ingleses do que os gregos».

Não pode, entretanto, esquecer-se que o estado latente de guerra civil na Grécia não se suscitou agora. O plebiscito organizado em 1935 pelo general Kondily, que levou à restauração da monarquia, foi promovido já dentro desse ambiente e foi uma das suas expressões. A crise interna, porém, não se transformou e, no ano seguinte, o rei Jorge II deu ao general Metaxas poderes especiais e suspendeu a constituição. Os anos que se seguiram foram anos de inquietação, e a prova de que nem o espectro e a dor sentida da ocupação estrangeira chegaram para atenuar esse estado de espirito deduz-se simplesmente da rapidez com que, no exílio, o rei Jorge tinha que designar os seus sucessivos chefes de govêrno.

Neste quadro geral de opiniões sobre a Grécia um dos pormenores de maior realce é o da atitude do «Times». O famoso jornal, que tem a força e o prestígio de uma verdadeira instituição, a pontos de quasi sempre, pelo menos no mundo exterior, se ter a impressão de que é a própria Inglaterra que fala por ele, tomou neste caso posição em desarmonia com o ponto de vista oficialmente expresso pelo Govêrno. A história desses momentos de desacôrdo entre Downing Street e o mais representativo órgão da Fleet Street daria um dos mais curiosos capítulos da política contemporânea. Não deixa, porém, de ser oportuno recordar que essa aparente desarmonia foi sempre, por assim dizer, como que uma antecipação. Em 1938, quando a pressão alemã se fazia sentir sobre a Checoslováquia, a missão Runciman estava em plena actividade e a «entente» Paris-Londres parecia ainda suportar e incitar à resistência o gabinete de Praga, publicava o «Times» um artigo, que parecia então escandaloso, a advogar o ponto de vista de que os checos deviam ceder. O artigo foi desautorizado — e as esferas oficiais britânicas apressaram-se a declarar que de nenhum modo lhe correspondia ao pensamento ou às intenções do Govêrno. Não obstante, pouco tempo foi preciso deixar passar para que todo o mundo visse como, uma vez mais, o «Times» e o Govêrno se identificavam — assumindo o Govêrno a política que, semanas antes, fôra preconizada pelo «Times». Por agora, o que o «Times» considera é que não se compreende que os exércitos britânicos de libertação, no caso de dificuldades duradouras, sejam chamados a combater um sector de um povo aliado e libertado, que, há apenas algumas semanas, estava empenhado numa valorosa resistência contra os alemães. Na verdade, essa é a situação. Incompreensível, por certo, mas real.

J. R. S.

Vai repetir-se a Conferência de Teherão?

As conclusões a que chegaram os dois conferencistas de Moscovo, quando Churchill ali foi o mês passado, não são difíceis de tirar pelo texto do discurso do Primeiro Ministro britânico nos Comuns, a 27 de Novembro. O exame dos textos facilmente nos fazem compreender que, em alguns casos, a unanimidade de vistas é absoluta, ao passo que noutros esses mesmos pontos de vista são expostos de modo diferente, havendo ainda casos que deviam mas não foram expostos. Assim, ambos dispostos a combater a Alemanha até à vitória final, a Inglaterra afirmou pela voz de Churchill: «...até à última fonte da nossa energia e do nosso poder...», ao passo que a Rússia dizia: «...até a queda à queda completa e à justa e severa punição» — ambos os países permanecerão unidos para lutar. Para tanto, os problemas estratégicos, já enunciados e discutidos em Teherão, foram de novo examinados e, em alguns pontos, alterados, com o consentimento dos Estados Unidos, representados pelo general Dane.

Mas a questão polaca foi o grande pecado dos conferencistas. Ambos confessam que, depois de muito discutido continuou por solucionar — mas nem russos nem ingleses vão além de lamentações, pelo facto de tudo permanecer como estava, limitando-se ambos a ter a esperança de que em breve tudo ficará resolvido. Entretanto, e enquanto Churchill fazia perceber que uma nova visita do Primeiro Ministro polaco a Moscovo — Mikolaczky demittia-se e levava com a sua demissão uma das mais fortes razões do acôrdo russo-polaco... Quanto à Grécia, as divergências entre russos e ingleses não são também mais pequenas. Eis, em síntese, o que pensaram e combinaram ambos: os problemas da Roménia, Bulgária, Hungria e Grécia foram discutidos detalhadamente, obtendo-se unanimidade de vistas — vencer o inimigo comum, não só para evitar ameaças contra os pequenos Estados, mas, também, para lhes facilitar largas perspectivas económicas e um largo desenvolvimento democrático. Enfim, no que respeita a acôrds

BÉLGICA

O sr. SPAAK ESTEVE EM PARIS

INESPERADAMENTE, o sr. Spaak apareceu em Paris, acompanhado do sr. Gutt. Os dois ministros belgas conversaram com os ministros da Economia e das Finanças franceses, respectivamente Mendès France e Pleven. E porque os males que afligem os dois países são iguais, de baixo do ponto de vista económico — falta de meios de comunicação, por vias férreas ou canais, destruição de canais — os meios de cura pretende-se que sejam tomados comumente. Assim, Anvers começou já a constituir o mais importante ponto de contacto franco-belga, dentro desse mesmo plano de colaboração. Segundo se lê nos jornais franceses, os ministros belgas solicitaram auxílio alimentar e a França prometeu enviar trigo, a título de empréstimo e sob a condição de que as quantidades fornecidas sejam levadas em conta pelos fornecimentos aliados. Por outro lado, combinou-se que a França enviará coque para a Bélgica, enviando-lhe esta uma certa quantidade de ferro. Assim, não obstante as quantidades de coque serem pequenas, alguns dos altos fornos belgas libertados começaram já a funcionar.

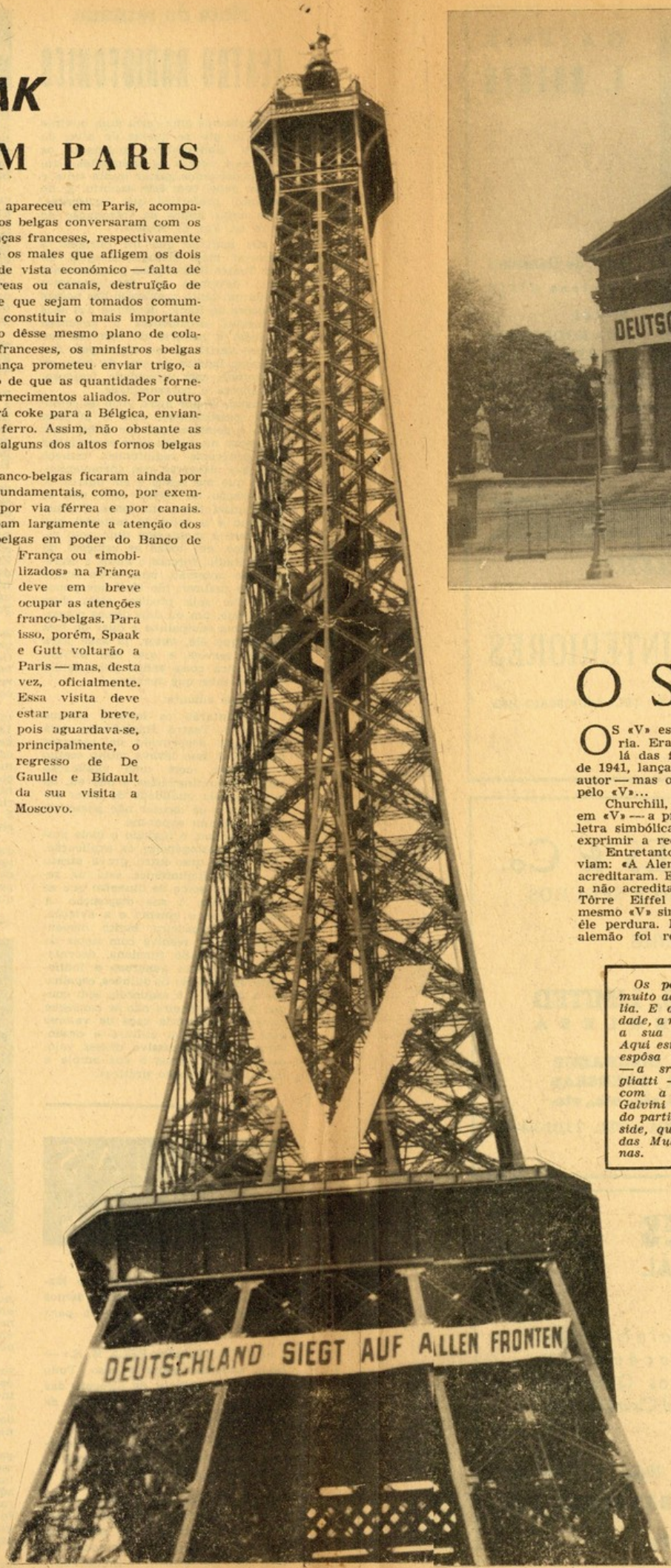
De resto, alguns dos problemas franco-belgas ficaram ainda por resolver. Dêstes, alguns, mesmo, são fundamentais, como, por exemplo, o restabelecimento de relações por via férrea e por canais. Também as questões financeiras ocupam largamente a atenção dos dois países. A questão dos francos belgas em poder do Banco de

A GRÃ-BRETANHA E A POLÓNIA

O problema polaco continua a apresentar aspectos que só podem causar satisfação aos adversários das Nações Unidas. O último discurso de Churchill é um exemplo flagrante desta afirmação. O govêrno britânico concordou com os reajustamentos que deveriam ser feitos ao território polaco, depois da guerra — e Churchill acaba mesmo de o confirmar, apelando para a Polónia no sentido de obter a sua concordância em relação às condições russas. Sem dúvida, esses reajustamentos são drásticos e complexos, visto que se pretende compensar os sacrifícios territoriais feitos a leste com a entrega de áreas ocidentais e meridionais que nada significam para os polacos.

As alternativas apresentadas à Polónia são, por conseguinte, apenas, duas, na opinião de um jornal inglês: ou se torna uma nação relativamente forte e unida, reconhecida por todos os Aliados, e com a sua posição e independência garantidas pela Rússia e Grã-Bretanha, ou sujeita-se às possíveis catástrofes da guerra civil e ao desentendimento com a sua poderosíssima vizinha. De qualquer modo, porém, após quatro anos de lutas, de sacrifícios e de sofrimentos, a Polónia está talvez prestes a chegar à conclusão de que a sua guerra foi inútil...

França ou «mobilizados» na França deve em breve ocupar as atenções franco-belgas. Para isso, porém, Spaak e Gutt voltarão a Paris — mas, desta vez, oficialmente. Essa visita deve estar para breve, pois aguardava-se, principalmente, o regresso de De Gaulle e Bidault da sua visita a Moscovo.



FRANÇA

O SIMBOLO DA VITORIA

OS «V» estão ainda na moda. Mas, enquanto se fala nas armas «V» — recorda-se o «V» da vitória. Era preciso criar um símbolo para os que combatiam na frente e na retaguarda, para lá das fronteiras e dentro dos países ocupados. A Inglaterra, através da Rádio, certa noite de 1941, lançava o «V» da «Victory». A propaganda alemã apareceu a querer cobrar direitos de autor — mas os Aliados puseram as coisas nos seus devidos termos, depois de uma luta renhida pelo «V»...

Churchill, nos filmes, nas grandes paradas, entusiasmava as multidões, erguendo os dedos em «V» — a promessa de uma vitória certa. E os países ocupados exprimiram a sua esperança nessa letra simbólica, escrevendo-a nas paredes, bem alto, por toda a parte onde as suas linhas pudessem exprimir a redenção de pátria.

Entretanto, na Câmara dos Deputados, em Paris, os alemães tomavam conta do «V» e escreviam: «A Alemanha vitoriosa em todas as frentes». Era em Julho de 1941. Mas os franceses não acreditaram. E continuaram a não acreditar, quando na Torre Eiffel apareceu o mesmo «V» simbólico. Hoje, ele perdura. Mas o dístico alemão foi retirado.

Os partidos estão muito activos em Itália. E a essa actividade, a mulher presta a sua colaboração. Aqui está, sentada, a esposa de Togliatti — a sr. Rita Togliatti — discutindo com a sr. Emilia Galvini o programa do partido a que preside, que é a União das Mulheres Italianas.



ALEMANHA



O professor Esau é o inventor das armas «V»?

NÃO há dúvida de que estamos no limiar de uma nova técnica de guerra e que, do mesmo modo que o avião, quasi no fim do conflito anterior, surgia para revolucionar a estratégia bélica, assim as armas «V» se propõem criar novas místicas de guerra.

O que é a quem se atribue a sua construção?

Os jornais alemães não o dizem claramente mas há todas as razões para se supor que o professor Esau — Abraão Esau — foi o cérebro que ditou, por exemplo, a bomba-foguete «V-1» e, agora, mais recentemente, a arma «V-2».

São, ainda, os jornais alemães que, como quem quer lançar a notícia, perguntam misteriosamente: «Haverá ainda novas armas «V»? E quais serão as suas características?».

O mundo aliado procura saber até que ponto poderá esperar a contra-ofensiva mecânica da guerra.

Entretanto — e enquanto os americanos se preparam para pegar no invento alemão e ampliar-lhe acção, pois já se fala nas bombas aéreas a lançar dos Estados Unidos sobre Berlim — é curioso ver que na Alemanha, acaba de ser concedida a mais alta condecoração: a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Mérito de Guerra, ao grande cientista Professor Esau, «pelos trabalhos prestados, nas suas investigações básicas e de carácter utilitário nos campos da Física Atómica e da Técnica de Alta Frequência».

Diz a informação em que nos baseamos que os trabalhos do Professor Esau levaram o Reich a readquirir a sua superioridade técnica na guerra. E, pois, possível que tenham o seu fundo de verdade as notícias em circulação no estrangeiro que nos dizem ser o Professor Esau o inventor da bomba-foguete.

O Professor Esau — Abraão vem-lhe, decerto, da ascendência hebraica — é filho de um camponês e nasceu em 1884. Iniciou a sua carreira de homem de ciência na Universidade de Berlim e, com a subida ao poder do nacional-socialismo, foi nomeado presidente do Instituto de Física de Berlim.

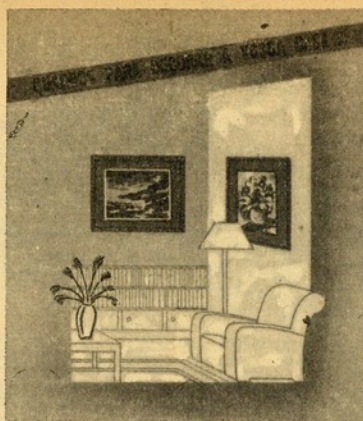
A COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

APEZAR DAS INCERTEZAS DA
GUERRA CONTINUA A ASSE-
GURAR O INTERCAMBIO COM
AS COLÓNIAS E O ESTRANGEIRO

Peçam informações

S É D E
RUA DO COMÉRCIO, 85 — Telefone 23021
LISBOA

SUCURSAL
RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 73 — Telefone 1434
PORTO



GALERIA
A. MOLDER

R. 1.º de Dezembro
Telefone 21514
FILIAL
RUA RODRIGUES
SAMPAIO, 136

MEIAS E MALHAS INTERIORES
MEIAS E MALHAS INTERIORES
MEIAS E MALHAS INTERIORES

Meia de Vidro

MEIAS E MALHAS INTERIORES

RUA AUGUSTA, 158 / RUA DA VICTORIA, 58-64 / TEL. PROVISÓRIO 25632

EXPOSIÇÃO DE ARTE DECORATIVA DE

D. Margarida Barbosa Pinheiro

Tendo-se encerrado esta exposição no
Secretariado Nacional de Informação,
continuam agora expostas e à venda
todas as criações de arte decorativa,
com a marca registada



NA
GASA QUINTÃO — RUA IVENS, 30
E
MERCADOR, L.ª — RUA NOVA DA TRINDADE, 3A

JAMES RAWES & Co.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E SEGUROS

Lloyd's Agents

AGENTES DE:

ROYAL MAIL LINES, LIMITED
MALA REAL INGLESA

**NORWICH UNION FIRE INSURANCE
SOCIETY LTD., BRITISH OVERSEAS
AIRWAYS CORPORATION, etc., etc., etc.**

R. BERNARDINO COSTA, 47, 1.º ~ LISBOA ~ TEL. 23232-3-4 e 8

ARTIGOS INGLESES DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

Especialidades
Farmacêuticas
Produtos Químicos
Material Cirúrgico etc.

Representantes para Portugal Ilhas e Colónias
COLL TAYLOR L.ª R. DOS DOURABORES, 294

LISBOA

AS RIVALIDADES POLITICAS NA GRECIA



HÁ uma semana, embora com certo atraso, expusemos aqui as causas da agitação revolucionária na Bélgica. Propomos-nos hoje a referir ao problema grego. No momento em que escrevemos, o grande Churchill mais uma vez conseguiu dominar a situação nos Comuns e expôs os motivos que o levaram a fazer a política de força imposta em território helénico.

Por este motivo, mais uma vez, procuraremos revelar as condições em que estalou a guerra civil na Grécia e a altura em que se iniciaram os atritos entre os agrupamentos de resistência.

Sem sequer tentar fazer melodrama, pode afirmar-se que a Grécia, tanto materialmente como espiritualmente, tem estado a atravessar, nos últimos tempos, os mais tristes e caóticos dias da sua longa e gloriosa história.

Foram os acontecimentos tornados públicos em fins de Outubro que revelaram, pela primeira vez, a existência, na Grécia, duma crise governamental muito grave. A primeira indicação de tal estado de coisas foi fornecida pela demissão de Tsouderos, que desempenhava as funções de Primeiro Ministro desde o colapso da Grécia em 1941.

De momento, não se revelou a razão por que tal medida fora tomada, e, como passados dias, não tivesse sido nomeado novo chefe do

Governo, Tsouderos resolveu continuar à frente do ministério.

Porém, pouco tempo depois, demitiu-se o gabinete completo e o rei Jorge encarregou Sophocles Venizelos de formar novo governo.

Venizelos aceitou o encargo do rei e formou um gabinete, ao mesmo tempo que anunciou a resolução de entrar em negociações com o fim de organizar um governo, mais vasto e mais representativo, que incluísse membros de todos os partidos políticos e de todas as organizações existentes no interior e fora da Grécia.

Se a política grega tivesse seguido uma linha de conduta lógica, esta decisão teria facilitado a solução de todos os problemas e teria, provavelmente, pôsto fim às desordens, então ocorridas no seio das forças armadas.

As questões, porém, nesta altura, já tinham raízes muito mais profundas e tornava-se necessário, portanto, medidas de carácter muito mais drástico, antes de se poder restaurar a ordem.

Em face disto, Venizelos demitiu-se e o novo Primeiro Ministro, Jorge Papandreus, chefe do Partido Social Democrático e considerado homem de confiança do Governo britânico, encarregou-se de o substituir.

Mas, vejamos agora, quando e como começaram a esboçar-se os primeiros descontentamentos políticos.

Há pouco mais de ano e meio formaram-se, nas montanhas da Grécia, diversos pequenos grupos de guerrilheiros que, a pouco e pouco, combinaram reunir-se em meia dúzia de organizações maiores à volta das quais se desenvolveram novos partidos políticos.

Durante os quatro anos de ditadura de Metaxas, toda a actividade política estivera proibida e, por conseguinte, os membros dos partidos políticos encontravam-se dissimulados. Só os comunistas, que continuavam a trabalhar clandestinamente, mantinham, mais ou menos, intacta a sua organização, e foi assim que num país onde apenas 10 por cento da população é comunista, o agrupamento que dispunha do apoio comunista conseguiu ser facilmente o factor predominante dos novos alicerces políticos. Eis como se formou a Frente de Libertação Nacional, sob o E. A. M.

As outras organizações principais eram a Liga Nacional Democrática Grega (a E. D. E. S.), chefiada pelo coronel Zervas, a Liga Nacional de Liberdade Social (a E. K. K. A.) e um grupo — o P. A. O. — composto principalmente por antigos oficiais do exército que tinham estabelecido como base de operações a cidade de Salónica.

Mais tarde, fêz-se uma tentativa para unificar todos os grupos de guerrilhas sob um só comando, mas esse plano fracassou completamente. Em Setembro de 1943, seis chefes guerrilheiros foram ao Cairo na intenção de discutir com as autoridades militares britânicas a possibilidade de dar maior auxílio aos exércitos guerrilheiros e entrar em contacto com o rei e com o governo exilados para garantir o futuro político do país.

Nenhum destes fins foi totalmente conseguido; mas, a Grécia começou a receber maior auxílio material e, durante um curto espaço de tempo, a actividade dos guerrilheiros intensificou-se. Depois deu-se o inevitável rompimento entre os guerrilheiros e a rivalidade entre o E. A. M. e o E. D. E. S. — os outros agrupamentos, pela sua pequenez e pouca importância, quasi nada valiam — lançaram-se abertamente na guerra civil, apesar da Grécia se encontrar ainda ocupada pelos alemães.

Os oficiais de ligação britânicos fizeram, então, todos os possíveis para conseguir uma reconciliação;

porém, só em Fevereiro deste ano, é que foi possível assinar um armistício e negociar um acórd.

Imediatamente, após uma conferência política realizada sob os auspícios do E. A. M., foi decidido que se enviasse um apelo a Tsouderos para que este reorganizasse o governo e amplexasse as suas bases com a inclusão de representantes de todas as organizações gregas. O fracasso deste estadista conduziu à formação dos gabinetes de Venizelos e Papandreus, os quais também não conseguiram dominar a situação.

Aquelles que advogavam o governo de força condenavam Papandreus pelas concessões que este estava disposto a fazer aos partidos da Esquerda; por isso, todas as vezes que o Primeiro Ministro grego parecia meio tentado a formar um governo de tendência esquerdista, pelo menos, realizar uma política mais de acórd com os partidos da opposição, falhou rotundamente.

Os motivos do fracasso em seguir uma política de conciliação nunca foram oficialmente tornados públicos, talvez em grande parte devido à crescente pressão das Direitas.

Diz-se que o embaixador britânico na Grécia exerceu também certa influência na opposição feita ao desarmamento dos guerrilheiros das direitas e na formação dum novo governo com maior representação esquerdista.

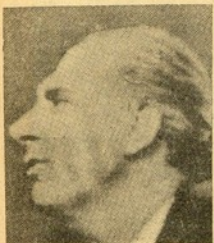
Seja qual for a attitude que ele tenha tomado, o que parecia realmente ser indiscutível era o recelo que os esquerdistas tinham de que os partidos da Direita fizessem um golpe de Estado capaz de impor uma ditadura que lhes desagradasse. Em resumo, devia ser este o principal motivo porque se recusavam a deixar-se desarmar.

É certo que aquelles que têm a responsabilidade dos trágicos acontecimentos ultimamente ocorridos demonstraram, até certo ponto com razão, que o governo de Papandreus é o único que se pode considerar «constitucional».

Porém — e o grande mal foi provavelmente esse — esta afirmação não podia convencer os gregos rebeldes, porque o rei Jorge da Grécia, ao qual o governo de Papandreus obedece, dominava o país, antes da guerra, por meio dum regime ditatorial...

JOSE CORREIA RIBEIRO

(Sobrinho)



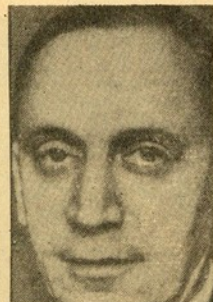
Papandreus



O general Scobie entre o general Saraphis e o general Zervas, pouco antes de se iniciarem os tumultos nas ruas de Atenas



Papandreus, Primeiro Ministro da Grécia, ao lado do general britânico Ronald Scobie



Rex Leeper, o embaixador britânico em Atenas



Os manifestantes de facções rivais procuram aclamar, segundo as suas simpatias, os generais Saraphis (E. L. A. S.) e Zervas (E. D. E. S.) quando estes chegaram a Atenas.

Escolha os seus brindes

Natal 1944



PHILIPS

1945

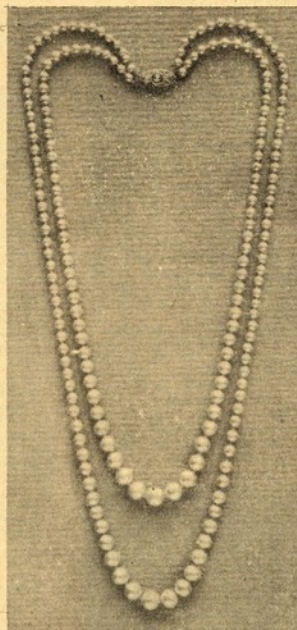
SONORIDADE PERFEITA



Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 - Lisboa Tel. 24888

Os mais finos artigos de
Bijouterias

na

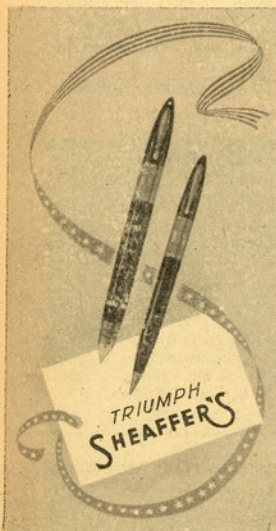


CHACO, L. DA

Rua da Palma, 271 - Telef.: 28656



UM BRINDE
QUE AGRADA
A TODOS



Distribuidores exclusivos para Portugal
AZEVEDO & DUARTE, L. DA
Rua do Crucifixo, 8, 1.º - Lisboa
Telef.: 26297



Nesta página indi-
camos aos nossos
leitores as casas
que devem esco-
lher para comprar
os vossos brindes.



CASA
REGIONAL



AS MAIS LINDAS COLECCÖES DE BORDADOS
EM LINHO ORGANDI E TULE
RUA PAIVA ARGRADE, 4 (AO CHIADO) - LISBOA - TEL 25974

MÁQUINAS DE COSTURA



HUSQVARNA



VENDAS A PRONTO
E A PRESTAÇÕES

CASTRO & SOUSA, L. DA

P. DOS RESTAURADORES, 13. 3.º
LISBOA - TELEFONE 29888

ROSSIO-ALGÉS

EM TEMPO «RECORD»

POR FERNANDO ÁVILA



convite era tentador e por isso aceite-o. Um jantar nestes tempos de racionamento não se pode perder. Poupa-se quasi um dia de racionamento.

Não hesitell e dispus tudo para ir nessa

tarde a Algés a casa do Evaristo. Sabia que os «eléctricos» para aquelas paragens costumavam aparecer às vezes pelo Rossio, e fui até lá à cata dum. A cautela fui cedo e tive sorte. Cêrca das cinco e meia surgiu, de facto, um carro, o que causou pismo entre pessoas que estavam all desde o meio dia. Já vinha cheio da rua Augusta, mas como na plataforma cabiam quinze, entrámos todos para lá: setena quando muito. Foi só o

tiveram que descer dez metros adiante por ordem da policia.

Antes de Santos houve um incidente de pequena importância. Dez passageiros da plataforma de trás destaram aos gritos porque tinham ficado sem as carteiras, mas o que é certo é que ninguém os mandou ir para um local daqueles tão arejado com objectos de luxo. A um policia que apareceu a contar quantos passageiros iam a mais as vítimas apresentaram queixa e ficou logo resolvido que se não tinham carteiras também não tinham dinheiro, e se não tinham dinheiro não podiam viajar de «eléctrico»: o melhor seria descerem.

E não se falou mais nisso.

Ao rebenatar das 19 horas o carro parava junto à zona de Santos. Como era directo — figuradamente falando, claro — não desceu ninguém. Uma centena de pessoas que estavam na paragem protestaram, mas sem razão, porque o «eléctrico» tem lotação limitada e aquelas pessoas não marcaram lugares com antecedência. No «Clipper» também só vão uns tantos de cada vez, e nem por isso há protestos.

Verdade seja que para a América chega a haver «Clippers» duas e três vezes por dia, e para Algés nem sempre há carros, mas isso já não é da competência nem do condutor, nem do guarda-freio, e muito menos da Companhia.

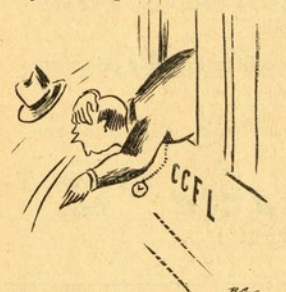
Desfeito o equívoco, o carro prosseguiu na viagem em grande velocidade, o que fazia prever o máximo de três horas para chegar a Algés.

Entre Santos e Alcântara estabeleceu-se uma corrida entre o «eléctrico» e um combóio da linha de Cascais. Foi emocionante. Dentro do «eléctrico» alguns passageiros enjoaram por causa dos balanços, outros foram parar a distância, dezóito que

os bilhetes na cabeça de quatro passageiros, mas toda a gente reconheceu que não houve premeditação.

Apesar de toda a boa vontade do guarda-freio, o combóio ganhou por quatro comprimentos, o que motivou uma ligeira discussão na plataforma da frente, que só serenou quando se percebeu que a chave das agulhas, como os canivetes do Freire Gravador, também têm mais que uma aplicação.

Quando chegámos a Santo Amaro



houve uma paragem de meia hora para substituir o pessoal, que mostrava visíveis sinais de cansaço pelo violento esforço dispendido desde o Rossio. Os passageiros, como continuavam todos bem dispostos, não foram substituídos, apesar de haver na paragem umas dezenas deles, para o caso de ser necessário.

O novo condutor exigiu, e muito bem, que mostrassem os bilhetes, e, feita a conferência, o carro prosseguiu viagem até Belém.

A meio da rua da Junqueira desceu, finalmente, um passageiro! Entre as pessoas que estavam na paragem foi aberto concurso para o preenchimento da vaga. Depois de todos terem cumprido as formalidades legais, o lugar foi ocupado por um expedidor da Companhia que ia para Algés pegar ao serviço.

Em Belém, eu que sou um grande amador de antiguidades, aproveitei a paragem para visitar os Jerónimos e fiquei arrependido de não ter ido visitar os pavilhões sobreviventes da Exposição dos Centenários, porque tinha tido muito tempo. Lamentámos todos que naquele local não houvesse um restaurante, como há, por exemplo, no Entroncamento ou na Pampilhosa, e resolvemos ir comprar pastéis de Belém, mas naquele dia

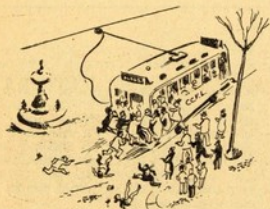
só tinham fabricado meia dúzia e já tinha sido adquirida pelos primeiros vinte fregueses que entraram na pastelaria.

Finalmente, o «eléctrico» pôs-se em marcha e até ao meio da rua de Pedrouços não houve nada de importante a assinalar. Pouco depois, avistaram-se as primeiras luzes de Algés, o que provocou lágrimas de comção nos passageiros. Muitos iam, finalmente, ver a familia outra vez. Foi o delírio dentro do carro eléctrico, e o condutor, num rasgo de generosidade muito para louvar, consentiu que um individuo de vicio desse uma fumaça.

Algés!

Música, foguetes, gritaria, palmas, «vivas», etc. A banda dos bombeiros de Carnaxide que estava concentrada na sua máxima força, tocou o hino, o presidente da Junta de Freguesia entregou uma mensagem ao guarda-freio, e o secretário da Liga de Melhoramentos leu um discurso.

Soube, então, que a carro demou



tempo do condutor ir visar a documentação e do guarda-freio receber uns cabazes para ir deixando pelo caminho as agulheiros, e pusemo-nos a andar.

A viagem decorreu sem incidentes até ao principio da rua Augusta. Houve all uma pequena paragem para o policia mandar descer vinte pessoas que iam no degrau e, passados quinze minutos, o carro prosseguiu na jornada. Mais abaixo, nova interrupção. Era outro policia que obrigou a sair mais quinze pessoas que ainda iam no degrau. Agora sim, já lamos mais à vontade, pois deviam fr, se tanto, umas oitenta pessoas na plataforma. Como à entrada da Praça do Comércio o carro voltou a parar para outro policia mandar descer mais dezóito — diga-se de passagem que este serviço está muito bem organizado — eu aproveitei para ir delitar um telegrama para o Evaristo, a comunicar-lhe que seguia viagem sem novidade.

Uma hora depois de sairmos do Rossio alcançámos o Cais do Sodré, o que provocou calorosas manifestações de regosijo: enquanto uns iam beijar o guarda-freio, outros passageiros desistiam dos trocos.

Num abrir e fechar de olhos o «eléctrico» chegava à paragem seguinte. Só foi permitida a entrada a cinqüenta pessoas, trinta das quais



iam na plataforma de trás foram cuspidos, e em muito boa hora, pois iam a mais e evitou-se uma paragem desnecessária para serem intimados a descer; eu, durante algum tempo, fui ao colo dos passageiros todos que iam nos bancos laterais, e o condutor — também devido aos balanços — deu com a torquês de furar



rara apenas 6 horas, 18 minutos e 35 segundos do Rossio até Algés, batendo por um minuto e quatro segundos o «record».

* * *

Quando cheguei a casa do Evaristo soube pela criada que éle, farto de esperar, já tinha jantado e fóra com a familia para o cinema.

EDITORIAL AVIZ	O CASO DERUGA — Ricardo Huch	15\$00
	DULCINÉA — Carlos Selvaagem	12\$50
	PEPITA XIMENES — João Valera	15\$00
	ROBERTO KOCH — Hellmuth Unger	15\$00
	A MORTE DE CAMÕES — Luis Tieck	15\$00
	O VASO DE OURO — Hoffmann	12\$50
	RAÇA — RUY CORRÊA LEITE	16\$00

SELECCIONE A SUA L E T I U R A
Rua da Trindade 20-2.- LISBOA

Smarta

TELEFONE 41583



RUA RODRIGUES SAMPAIO
(À esquina da Rua Barata Salgueiro)

O Restaurante que serve magnificamente

A Pastelaria que produz o Bolo Rei mais delicioso

O Salão de chá que todos preferem

Restaurante **Smarta** Pastelaria Bar
Salão de chá

antigos, qual o género que prefere?

— A reportagem. A reportagem radiofónica requer conhecimentos vastos e tem encantos grandes. É necessária uma orientação definida e uma técnica especial para conseguir vencer os problemas duma reportagem radiofónica. Depois, é necessária uma adaptação fácil às circunstâncias e uma observação justa para as grandes e para as pequenas coisas. Por exemplo: uma alta individualidade não quer falar ao microfone. O repórter terá que originar e aproveitar o momento psicológico oportuno, em que esse valor, sem querer, suggestionado por assuntos estranhos, sente a necessidade de falar. Outro exemplo ainda: um camponês, que é necessário entrevistar, nega-se a falar do assunto, que se pretende, e que é, suponhamos, o tratamento e criação de gado. O repórter nada pode fazer perante o medo do microfone e a fuga à resposta. Há um processo salvador: acusá-lo. Fazer-lhe sentir que o seu gado está mal tratado, que ele não o cuidou como era devido. Então ele, na sua auto-defesa, fala pelos cotovéis e desenvolve a sua teoria, indo ao encontro do que se pretende. Outro caso curioso: a mulher fala com mais facilidade, com menos medo do microfone do que o homem... É assim a rádio-reportagem: um conjunto de grandes e pequenas coisas, de grande e pequenos conhecimentos, que require estudo e especialização... A mim, este género radiofónico interessa-me bastante...

— Quantas reportagens fez até agora?

— Umas quatrocentas e tal...
— Sobre o trabalho radiofónico que actualmente desenvolve, que nos pode dizer?

— Pouca coisa por enquanto. Sei que estou empenhado numa tarefa difícil que espero cumpra o seu fim. Trata-se dum projecto, para apresentação ao Ministério competente, duma futura «Academia Portuguesa de Rádio». Esta creio ser a única maneira de aproveitar as facilidades dos portugueses na Rádio. Este meu trabalho assenta em três grandes bases: escola de locutores, escola de repórteres-radiofónicos e na criação dum corpo de correspondentes radiofónicos. A escola de locutores, facilmente

JOSÉ FERNANDES

(Continuação da pág. 15)

se compreende: os melhores, aquêles que têm, pela prática e pelo amor à profissão, um conhecimento grande, seriam os mestres. A escola de repórteres tem características semelhantes. Finalmente, a criação do corpo de correspondentes envolve, antes de mais nada, a primitiva criação duma rede de emissores que ligue Portugal às colónias na natural função de unir os portugueses e os seus assuntos, na justificável aproximação das colónias à pátria-mãe... Sobre este aspecto destaco o magnífico corpo de correspondentes que a América tem sabido desenvolver e que tão bons proveitos tem dado à rádio-difusão americana.

— Diga-nos, agora, alguma coisa sobre o intercâmbio internacional que você, José Fernandes, tão bem conhece...

— O intercâmbio entre duas nações acho ter o maior interesse. Localizando o assunto, digo-lhe que o intercâmbio luso-alemão, que eu organizei, trouxe a Portugal, pelo menos, a vantagem grande de atrair sobre a sua música folclórica um interesse excepcional... Você não pode calcular como agradaram e agradam as canções portuguesas... Portugal tornou-se mais conhecido, o que é fácil de compreender, avaliando a extraordinária expansão da Rádio. Depois, é preciso não esquecer que a Rádio é um instrumento de ligação dos povos...

— Uma pergunta incisiva: O que pensa da rádio-difusão portuguesa?

— Da rádio-difusão portuguesa posso dizer-lhe, desassombadamente, de que há quatro anos para cá— desde a minha última visita a Portugal, em que tive como amável explicador e cicerone o colega Fer-



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
19,30	30,9	19,5	23	39,6
19,45	23	39,6		
21,45				
às	23	39,6	49,6	
22,15				

Ouça o locutor JORGE ALVES às 19,30

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B. B. C.», todos os dias das 18,45 às 19,00.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

nero, a sua personalidade... Todos são diferentes, formando um bellissimo conjunto. Isto, quanto a mim, é de grande vantagem para o engrandecimento da rádio-difusão portuguesa e até, a propósito, creio ser um grande defeito da nossa Rádio, não reconhecer que o locutor tem, digamos, um lugar de «diplomata», que como tal tem de ser visto e remunerado... Isto, aliás, faz-se no estrangeiro...

— Dou-lhe inteira razão. Falemos outra vez de si, por exemplo das sensações que a sua vida radiofónica lhe tem dado...

— Não esqueço, pode crer, a singeleza emotiva duma carta dum ouvinte português da Austrália, que me confessava não jantar enquanto não ouvia pela minha voz, a lingua portuguesa... Como não esqueço também o sentimento de alta camaradagem e forte amizade que une os locutores internacionais... às vezes, separados por longos quilómetros, por barreiras ideológicas, mas juntos pela lingua comum, pela amizade e pela camaradagem...

— De Fernando Pessa, que pensa como locutor?

— Como locutor? Esplêndido, óptimo locutor!... Pessa nasceu para a rádio!... Pessoalmente, sou sincero amigo de Fernando Pessa. Visitámo-nos. Andámos juntos... Pessa é um óptimo camarada!...

— Apenas mais uma pergunta, José Fernandes: supõe que a Rádio portuguesa terá algum papel de preponderância no próximo tempo de paz?

— Sim. Enorme. A Rádio portuguesa terá então uma enorme responsabilidade: terá de dar continuidade à bellissima orientação seguida neste tempo de guerra; terá de estar à altura da magistral acção desta completa e inteligente mentalidade. Turisticamente, terá excepcional importância: interna e externamente, a Rádio será o porta-voz que dará expansão às idéias portuguesas, à vida da metrópole e das colónias... Actualmente, o mundo olha curioso para Portugal; a Rádio terá de dizer a esse mundo o que é Portugal e o que há em Portugal... A Rádio portuguesa do após-guerra tem muito para dizer, muito para contar, muito para ensinar...

F. C. R.

VIDA MUNDIAL é um jornal que vale por muitos jornais

O PUDIM DO NATAL

O menù do Natal pode, por vezes, variar bastante. Todavia, há três colinas que geralmente aparecem sem-

pre na ceia ou no jantar de 25 de Dezembro: peru, bôlo-re e pudim do Natal, alegremente enfeitado com

um ramo de azevinho ou qualquer outra decoração própria do dia. E dista justamente, que lhes apresentamos a receita, acrescentando que o podem fazer com tempo, pois conserva-se sem se estragar durante alguns dias:

Farinha, 175 gramas; miolo de pão, 175 gramas; fruta, 400 gramas; cenoura, 3/4 duma chávena com a cenoura cortada aos bocadinhos; açúcar, 150 gramas; sêbo, 175 gramas; nós moscada, 1 colher de chá; qava da Índia, meia colher de chá (quando se gosta); canela, meia colher de chá; ovos, 4 ou 5; essência de amêndoas, 1 colher de chá; água, 4 colheres de sopa; cerveja branca ou café com leite, ou ainda só leite: 1 decilitro aproximadamente.

Arranjar a fruta, misturada e a mais fácil de arranjar nesta altura do ano. Misturar o sêbo cortado em bocados ou em fatias com a farinha e adicionar as especiarias e o miolo de pão. Mexer o açúcar juntamente com a fruta preparada. Raspar e lavar a cenoura, secá-la e cortá-la aos bocados; depois misturá-la com os outros ingredientes. Bater os ovos e metade da água, depois mexer tudo bem e adicionar isto aos ingredientes preparados, batendo a cerveja branca ou qualquer outro dos líquidos indicados. Tornar a mexer tudo bem, adicionando a essência de amêndoas e um pouco mais de água ou do líquido usado, caso seja necessário. Tapar a mistura do pudim e deixá-la sem lhe mexer durante algumas horas. Se depois estiver excessivamente seco pode-se adicionar um pouco mais de água, cerveja ou leite. Despegar, em seguida, a mistura numa forma bem untada. Cobri-la convenientemente com um papel muito untado e cozinhar o pudim numa vasilha com água a ferver (a água não deve chegar à orla da forma), durante quatro horas, aproximadamente, tendo o cuidado de tornar a encher a vasilha à medida que a água a ferver se for evaporando.

Quando estiver próximo o momento de ser servido e o pudim esteja feito há muito tempo, é conveniente tornar a cozer o pudim durante uns três quartos de hora, servindo-o depois com leite-creme quente, aromatizado com um pouco de rum, caso se goste. Mexer o rum com o leite-creme depois de o retirar do fogão.

no favor da moda. O seu vestido ficará assim sóbrio e distinto — e, quando muito, se quiser, poderá colocar-lhe uma gola em azul claro, branco ou rosa, bem estreita, para não tirar o seu ar discreto e distinto.

ROSA BRANCA — Não, minha senhora, não fica bem agradecer por escrito a um cavaleiro que lhe envia cumprimentos pelo seu aniversário. O melhor será esperar encontrá-lo ou, então, num cartão em que esteja impresso, com o seu, o nome de seu marido, enviar um cartão de redacção bem clara, para que não haja complicações futuras...



Para a mesa da Consoada

A beleza das nossas mesas, na noite de Natal, constitui um pormenor que as donas de casa não devem esquecer. Ela dá mais alegria ao ambiente, tornará mais agradável o dia que festejamos, proporcionando-nos a consolação de vermos os olhares tão nossos conhecidos enfeitados com a nossa obra. Com o carinho do nosso trabalho...

Em poucos minutos, qualquer pessoa pode fazer um pequeno castiçal. Para isso basta arranjar uma tampa metálica de garrafa de cerveja ou água mineral e um disco de rólha. Perfurar o centro da tampa metálica, introduzir o atache na abertura, colocar uma vela das mais pequenas sobre o espigão e prender a cabeça do atache com um pedaço de cera ou lacre. Depois, pôr o disco de rólha e colocá-lo na serriilha do castiçal, fazendo pega. Deve-se em seguida pintar a parte de dentro e a pega com tinta no tom predominante da casa de jantar.

Tratemos, agora, da arvorezinha. Primeiro, deve arranjar-se um recipiente de madeira ou latão de tamanho adequado, o qual se pinta do mesmo tom em que foram pintados os castiçais. Em seguida, enche-se de areia, tendo o cuidado de se lhe adaptar quatro pedaços de madeira colados com grude — no caso do recipiente ser em madeira — ou quatro filletes de latão — sendo o centro em latão. No extremo de cada fillete colocam-se dois velzinhos minúsculos. No centro, entrando na areia, um pente próprio da quadra que festejamos, fazendo de árvore. Uma tira de fantasia de fantasia colocada à volta do recipiente, enfeitá-lo-á. Para melhor efeito decorativo, podemos cortar uma estrela em papel prateado e fixá-la no alto da árvore, como indica a foto. Mais umas conchas, fios de prata, algodão imitando neve, etc., podem completar o enfeite da pequenina e simbólica árvore.

E aqui têm, leitoras, um centro de mesa bem simples e que tornará mais linda a vossa mesa!

OS NOSSOS MODELOS

Um elegantíssimo modelo bastante atraente para a passagem do ano, e que é criação de uma artista de Hollywood muito nossa conhecida.



JUJU — Não vemos vantagem em que enfeite, como diz, o seu vestido preto. Já pela cor, que pede um ar discreto, já porque sómos contra as grandes complicações e mistura de entretes. Por isso, em lugar das rendas e laçinhos, como diz, achamos melhor que guardecasse apenas o seu vestido com uma franja ou um bordado a missanga, ainda muito

OS NOSSOS TRABALHOS

Almofada feita de sobras de sédas da mesma cor ou cores combinadas.

Explicação e desenhos: 6500, acrescido de 1800 para despesas de cortejo.

Estas importâncias devem ser enviadas em selos e juntamente com o pedido, para a Redacção da nossa Revista.





* A BELEZA DA LINHA USANDO OS PRODUTOS *

NOSEAL

ÁGUA DE COLÔNIA
SEDA LIQUIDA
PÓ DE ARROZ
CREME DENTAL
BATION

OS LIVROS DO MOMENTO

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS



O CAMINHO DA CULPA

ROMANCE

PARCERIA A. M. PEREIRA

O CAMINHO DA CULPA é um romance, singularmente humano e sincero, de Joaquim Paço d'Arcos e foi editado pela PARCERIA A. M. PEREIRA

Alice de Oliveira

VIDA AMOROSA

DE

SOROR MARIANA



Parceria A. M. Pereira

Também a PARCERIA A. M. PEREIRA editou «VIDA AMOROSA DE SOROR MARIANA», obra delicada e apaixonante devida à fina sensibilidade da distinta escritora

D. Alice de Oliveira

BESSONE BELFORD

DEIXEM-ME VIVER!

Romance

«DEIXEM-ME VIVER!... O Drama da Nova Geração, um romance de Bessone Belford que a nova geração deve ler! A venda em todas as Livrarias. Pedidos directos: Vida MUNDIAL EDITORA, L.^{DA}

ACABA DE SAIR

O LIVRO MAIS SENSACIONAL DOS ÚLTIMOS TEMPOS



VIDA MUNDIAL EDITORA L^{DA}

EÇA DE QUEIROZ

POR LOPES DE OLIVEIRA

PERTO DE 1.000 EXEMPLARES VENDIDOS EM 8 DIAS!

- A biografia do grande escritor depurada de erros, de ignorância e de lendas tendenciosas, aparece neste livro à plena luz da verdade. Todas as afirmações do autor são documentadas.
- A vida e a obra de Eça são estudadas com a maior isenção em todos os seus aspectos.

ESTA NOTÁVEL OBRA É CONSTITUÍDA POR 5 PARTES:

O primeiro Eça * História das suas obras contada por ele próprio * O último Eça * Notas e comentários às obras póstumas * Antologia de páginas desconhecidas.

Um volume de cerca de 500 páginas, Esc. 20\$00

ESTE LIVRO É A PRIMEIRA CONSAGRAÇÃO CENTENÁRIA DO GRANDE ESCRITOR

Á venda em todas as Livrarias do País

Pedidos directos: VIDA MUNDIAL EDITORA, L.^{DA}

R. da Emenda, 69-2.º — LISBOA — Tel. 25844

Numa hora tudo mudou...

(Continuação da pág. 32)

— «José António!... Meu filho!... Ouve-me... onde quer que te encontres!... Não posso já com tanta saúde!... Volta, filho!... Estou velha... Amargurada de mágãos... Oh! meu filho!... Se te encontrará a minha voz!...»

O golpe dum soluço cortou a fala ansiada. Mas logo tornou, mais trémula ainda:

— «...A vida vai-se-me aos poucos... Se morro sem te dar um beijo, filho da minha alma!...»

Novo arfar de emoção abafou o queixume dorido, carregado de súplica.

Não se estirou a pausa. A voz, molhada em lágrimas, voltou a insistir recorrendo agora ao sortilégio de allicente tentação, possivelmente mais persuasiva do que o rogo magoado:

— «...Olha... A nossa aldeia está linda como nunca... Tem casas novas, grandes como as da cidade... E a serra!... E a visses!... Enfeitada que nem uma noiva!... Vestiu-se de estevas floridas até ao cimo!...»

Suspendeu-se, numa hesitação; depois anunciou, quasi a medo:

— «A filha do «Africano» casou!...»

Pareceu tomar alento para insistir ainda e, num ardo suplicante, repetiu:

— «Volta, filho!... Pelo amor de Deus!... Volta, meu José António!... Ao menos para me fechares os olhos!...»

Desta vez prolongou-se o silêncio. Quebrara-se definitivamente o fio do dezoito. Mas o José António, debruçado para o rectângulo iluminado, esperou, esperou ainda ouvi-la. Mal podia suportar as pancadas do coração a querer arrombar-lhe o peito.

A filha do «Africano» casara!... De nada lhe servia, então, vir enterrar-se no mato, viver como um urso anos a fio, regar com suor o chão da selva para dele desentranhar riqueza bastante que lhe consentisse a alegria de afrontar a prosápia do «ricaço» e vingar-se da afronta recebida!

Vivesse ele um século que nunca esqueceria — nem à hora da morte!... — as palavras brutais, o insulto sangrento com que o «Africano» o pusera fora de porta ao desconfiar que o moço lhe levantava os olhos para a Amélia, e que os dela também não se desviavam desagradados... Ouvira-os ainda, a retinirem-lhe na alma como estalos de bofetadas: — «Atreves-te a olhar para a minha filha, malandro!... Nem sei o que me contém que não te ensino já, com um cacete, a medir distâncias e respeitar quem é mais do que tu! Rual!»

Se, nessa hora, lhe atrassem uma chapada de sangue aos olhos, não veria tudo mais vermelho.

Medir distâncias!... Respeitar quem era mais do que ele!...

Como se a Amélia tivesse nascido em bérço de oirol!...

Mais do que éle, a Amélia!... Tinha graça aquilo!

O «Africano» esquecia o tempo em que calgava tamancos e acarretava às costas o estrume dos currais; esquecia que a Amélia andara com éle, descalça, a sôdo, guardando o gado pela serra, até ao dia em que o pai voltara rico das África!...

O dinheiro faz esquecer muita coisa a quem o traz na algibeira!... Julgava, então, porque toda a gente lhe tirava o chapéu à riqueza, que lhe tinham esquecido os princípios?...

A injúria ferira-o mais do que uma facada, arrancara-lhe lágrimas de raiva, cravara-lhe no coração a ansia desesperada da vingança. Jurara, então — e selara o juramento com as mesmas lágrimas que lhe queimavam os olhos — ser rico também, nem que para isso tivesse de rasgar a pele e vender a alma. Havia de ser rico! Mais ainda do que o «Africano»! Havia de lhe fazer sombra!... E ainda havia de ser esse «Africano» de má-morte, quem, um dia, lhe meteria a filha à cara, empenhado em dar-lha por mulher! Então, sim!... Quando éle lhe recusasse com desprezo... Então se veria quem era

mais do que éle!...

Quantas vezes, na solidão das noites tropicais, antegozara aquele momento de desforça, quantas vezes, ao embalo dos rumores sinistros vindos da selva, através da escuridão empastada, alargara o peito à alegria de ter certa a humilhação do «Africano»!...

E, afinal... a Amélia casara... Soltou um suspiro desalentado, endireitou-se, devagar, sentou-se na rede e assim ficou, de pernas pendentes e braços inertes.

Da caixa sonora saíam agora outras vozes — talvez outros lamentos, outros apêlos ansiosos — mas o José António não os ouvia. Não ouvia nada, nem mesmo o ulvar hostil da selva. Dir-se-ia que a decepção lhe anilhou a coragem toda a coragem, todo o ardor da ambição vingativa.

A filha do «Africano» casara!... Para que lhe era precisa, agora, mais riqueza?... Tinha já o bastante para viver vida larga e dar maior conforto aos últimos dias da velhotes!...

Nun repente viu-a, à «velhotes», tão ingratemente abandonada e esquecida; viu-a como a deixara, encruada ao péso dos trabalhos, deambulando o luto da viúvez antiga pelos cantos solitários do casinhoto pobre... E à roda, como a encaixilhou-lhe a tristeza em alegria, a aldeia toda loira de sol, encastada na serra florida de estevas até ao cimo...

Pela primeira vez, desde muitos anos, sentiu no peito estranha sensação de suavidade, singular anseio de tornar a pisar a terra-mãe, de apertar ao peito o corpo mirradinho, definhado de pesares e saudades, sempre embulhado no luto desbotado da viúvez antiga... E, pela primeira vez, também, desde muitos anos, sentiu os olhos molhados e qualquer coisa a rolar-lhe pela cara abaixo...

De repente, saltou para o chão forrado de capim:

— Vizinho Soares! Vizinho Soares!...

Como o outro acorresse, alarmado, ao alvoroço do chamamento, alargou os braços a traçar largo círculo envolvente da vastidão da «fazenda» e, com voz demudada pelo apêto dos soluços, gritou-lhe: — Tome conta «disto»... Amanhã vou-me emborral!...

PORTA FÉRREA

NO próximo ano, vai comemorar-se em Portugal o I Centenário do nascimento de Eça de Queiroz.

• Coimbra, naturalmente, deve associar-se a essas comemorações, uma vez que foi na sua Universidade que o grande romancista se formou. Coimbra, tem mesmo um «clima» especial para se pronunciar, uma vez que a legenda «Eça de Queiroz estudante» só a ela pertence.

Vão, certamente, ser afixadas certas lápidas nas casas que habitou o genial autor da «Relíquia». Em Coimbra viveu ele em duas casas: no ano de «calouro» habitou o prédio n.º 12 da rua do Loureiro. No 2.º ano mudou-se para o n.º 2 da mesma artéria, e nos 3 anos seguintes viveu sempre no prédio n.º 16 da rua de S. Salvador.

Qual destas casas tem maior interesse para a afixação de lápida? Salvo melhor opinião, entendemos que a casa de maior interesse histórico é, sem dúvida, a primeira que ele habitou nesta cidade. Foi nela que Eça viveu o seu primeiro ano de Coimbra. Viveu e sofreu as agruras de ser «calouro» numa época em que a praxe era coisa de respeito...

* * *

José Luciano de Castro, o grande político da monarquia, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, mas no seu processo de matrícula há, sem dúvida, uma certidão de nascimento falsa. Senão, vejamos:

A certidão de baptismo que se encontra no Arquivo da Universidade, diz: «nasceu a 14 de Dezembro de 1834». Uma outra certidão apenas ao seu requerimento de matrícula afirma: «nasceu a 14 de Setembro de 1833». Estas duas certidões lançam uma certa confusão na data do nascimento do célebre político de Anadia. Porém, o sr. dr. Rocha Madail, Ilustre Conservador do mesmo Arquivo, dá uma explicação ao facto que nos parece acertada. José Luciano tinha um irmão — Francisco de Castro — mais velho um ano, e para que os dois viessem para Coimbra ao mesmo tempo, frequentar a Universidade, matriculou-se o José com uma certidão falsa, pelo facto de ainda não ter a idade prevista para a referida matrícula.

O mesmo caso se verifica com Eça

de Queiroz, que ali aparece como nascido em 1843. Claro, o mundo não se prejudicou com esta inofensiva «batota», e a Universidade de Coimbra continuou a ser o primeiro estabelecimento científico do país.

* * *

O malgrado professor Doutor Virgílio Correia era um apaixonado adepto do Sport Lisboa e Benfica. Porém, como mestre da Faculdade de Letras de Coimbra, tinha também simpatias pelo grupo da Associação Académica, e o contrário ficava-lhe mal, como muitas vezes nos afirmou.

O ano passado, encontramos o professor Virgílio Correia depois dum desafio entre a Académica e o Benfica no campo de Santa Cruz, e com certa curiosidade preguntámos-lhe:

— Então, senhor doutor, a sua posição hoje no campo era difícil!

Resposta pronta do ilustre mestre: — Delicada, delicada... mas lá me conservei em neutralidade vigilante...

* * *

Passados poucos meses do dr. Fernandes Martins acentar banca de advogado em Coimbra, foi-lhe parar às mãos um processo para defender numa comarca vizinha. Chegou o dia do julgamento, abre a audiência, e na bancada do Ministério Público estava o sr. dr. Luís de Oliveira Guimarães, que então iniciava a sua carreira de magistrado. Dada a palavra ao dr. Fernandes Martins — que, diga-se de passagem, é um excelente orador — este começou por dizer:

— Nesta sala vão hoje passar-se grandes e extraordinários factos — como disse certo sábio da Grécia...

Esta citação do sábio grego fez uma certa espécie... ao dr. Oliveira Guimarães, que logo interrompeu o advogado:

— Podia V. Ex.ª dizer-me o nome do sábio grego que proferiu essas palavras?

— Não me lembro, neste momento, sr. doutor-idelegado — disse Fernandes Martins — mas em chegando a Coimbra mandarei dizer a V. Ex.ª num bilhete-postal...

CARMINE NOBRE



ARCO DA TRAIÇÃO

Dr. Adolfo Rocha: médico especialista de ouvidos, nariz e garganta.
Miguel Torpa: autor do «Bichos», da «Montanha», do «Diário» e da «Criação do Mundo». Dois nomes e um só homem verdadeiro, que conserva com perfeição e rapidez... qualquer malita dos órgãos acima referidos e escreve as melhores páginas da literatura portuguesa contemporânea... Um dia, desceu do Marão armado de grosso varapau e deitou-se à bordada à literatura e à poesia... E tantas lhe deu, tantas lhe deu... que acabou por educá-las numa escola onde ele é mestre sem discípulos...
 Para assoar qualquer cristão que lhe apareça, tem umas «mõsinhas de prata»... como dizem os pescadores de Buarcos que o vêm consultar a Coimbra... O mar a constipá-los e o dr. Adolfo Rocha, em luta com o oceano, a curá-los dos estragos... E é neste vai-e-vem da vida que de vez em quando arranca de lá umas páginas que fazem tremer o Céu e a Terra...

DA ALTA PARA A BAIXA

1 O Orfeon Académico de Coimbra prepara uma grande excursão pelo país. O candidato a orfeonista apresenta-se. Raposo Marques «mede-lhe» a voz e, em seguida, dá-lhe ordem de «marcha» para o respectivo naipe... se o académico tiver garganta...

2 Depois, os naites afinam ao som dum órgão e sempre sob a vigilância e o «lamiré» de Raposo Marques...

3 ...até que uma noite, no Salão Nobre da Associação Académica experimenta-se o conjunto orfeónico... Está quase afinado... e com mais uns retoques... aí temos o Orfeon pronto a «emigrar» por terras de Portugal, — e quem sabe! — talvez este ano por terras de Castela... E tudo isto dentro duma camaradagem que é ainda uma bela expressão da Escola de Coimbra...





A NOSSA DIRECTORA E SUAS FILHAS PROFESSORAS

*A direcção desta escola deseja um
NATAL E ANO NOVO cheio de
felicidades e paz a todas as ex-alunas,
alunas e Ex. mas Famílias.*



**ESCOLA DE CORTE
COSTURA E CHAPÉUS**

M.^{ME} JUSTO

A melhor e mais frequentada de todo o país
SEDE DIRECÇÃO E SECRETARIA
RUA DE S. LAZARO, N.º 127-1.º E 3.º ANDAR



São estes os trabalhos saídos
das mãos das alunas da Escola
M.^{ME} JUSTO

PREGUNTE!

O que é o espirro?

A função respiratória normal pode ser modificada no seu ritmo devido a estímulos especiais. Estes estímulos podem actuar em qualquer ponto das vias aéreas (nariz, garganta, etc.), e originam reflexos. E chama-se movimento ou resposta reflexa à actividade nervosa mais elementar. É a resposta imediata do organismo a um estímulo, sem intervenção da vontade ou da consciência.

Os excitantes que actuam sobre a mucosa nasal (as paredes do interior do nariz) inervada pelo nervo trigémino, podem determinar o reflexo do espirro.

O espirro traduz-se por uma inspiração profunda, seguida de uma série de expirações violentas que expulsam ruidosamente pelo nariz e pela boca o ar inspirado. É evidente, pois, que o reflexo do espirro origina contrações violentas nos músculos respiratórios.

(Resposta ao leitor A. M. R. S., de Lisboa).

As perguntas para esta secção — perguntas de carácter cultural, naturalmente — devem ser dirigidas a «Vida Mundial Ilustrada», Página de Ciência Elementar, Rua da Emenda, 69, 2.ª, Lisboa.



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA» 1944.

FIXINA
O fixador de cabelo das penosas distintas

Botão maior, 15\$00
Botão menor, 10\$00

Vende-se nas boas drogas, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.ª Idefonso, 29, Porto — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.ª Dt. — Telef. 4 3582

Cães filósofos, macacos sábios e outras histórias

As possibilidades de aprendizagem dos mamíferos superiores, como o cão, o cavalo, etc., conduzem, em regra, a resultados que nem sempre são compreendidos como deveriam ser. É vulgar falar-se em burros ou cavalos sábios, em cães filósofos, em macacos geniais. As multitudes maravilham-se com estes prodígios e olham para os bichos quasi como para semelhantes na capacidade mental.

Proclama-se, por exemplo, que os cavalos se podem exercitar na realização de complicados cálculos e que os cães rasteiros da raça Akedole podem discutir com as suas donas questões de moralidade e de vida futura. Como falta aos animais a faculdade de falar, os seus «juízos» devem ser interpretados sobretudo pelo movimento dos pés. O método mais comum é o de dar pancadas na mesa. Assim, tantas pancadas com o pé direito significa tal ou tal letra ou número; com o pé esquerdo exprime outra letra ou número.

Pelo seu lado, os cavalos calculistas de Elberfeld alcançaram tal celebridade que até foram nomeadas comissões de professores universitários para estudar o caso.

Na verdade, esses cavalos e esses cães não fazem reflexões muito profundas; limitam-se, invariavelmente, a responder a certos sinais feitos pelo dono ou pela dona. Estes sinais — pequenos gestos, um meneio de cabeça, tensão de um dedo — são da mesma ordem do que os usados pelos profissionais que «leem o pensamento» e que, mesmo de olhos vendados, encontram um objecto só por segurar a mão de alguém se sabe onde o mesmo está oculto.

Podem ser movimentos imperceptíveis aos olhos dos observadores — movimentos de um ou apenas de meio milímetro de amplitude — mas os animais podem notá-los. O cão ou o cavalo poderá bater com as patas no chão até ao momento em que vir o movimento indicativo de paragem. Nota-se ainda que, muitas vezes, os cavalos não olham para o quadro negro onde o problema foi escrito a giz, e, mesmo assim, começam a bater e «adivinham». Além disso, os erros cometidos mais freqüentemente não são os que deveríamos esperar — errar na dezena, por exemplo. Todavia, os erros comuns consistem em enganar nas pancadas; bater vinte e duas em vez de vinte e três vezes, ou, então, trocar os pés.

A escolha de letras, bandeiras, jornais, etc., feito por cães ou outros mamíferos, deve ser interpretada da mesma forma. Há somente obediência a sinais dos domesticadores. O mais sábio dos cães não tem a menor consciência do que seja uma letra. O alfabeto é uma prerrogativa humana e só foi conquistada pelos homens após milhares de anos de evolução.

Mesmo no caso dos macacos, em que o desenvolvimento do cérebro mais se aproxima do cérebro humano, as suas habilidades não devem ser levadas à conta de capacidade superior de raciocínio. De facto, sob o aspecto emotivo, os macacos assemelham-se muito aos homens. Nétes, o riso, o espanto, o choro, a tristeza, são quasi idénticos aos dos seres humanos. São ciumentos, acariciam os filhos, beijam os a...jos, jogam, brincam, gostam de divertir-se, tal como os homens, à custa dos outros animais mais estúpidos. Quanto à inteligência, abre-se um abismo. Os macacos não possuem linguagem, nem pensamento abstracto, embora possuam uma considerável capacidade de resolver problemas simplesmente mecânicos. E resolvem-nos, quasi sempre, não pelo método cego dos ensaios e erros, mas com uma certa compreensão das situações.

O que dá aos macacos uma aparência humana, nas habilidades de circo, são as suas altas qualidades imitativas. É sabido que os chimpanzés podem aprender a ter boas maneiras à mesa, tal como as crianças; a vestir-se e a despir-se sózinhos e até a assinar o nome.

«Cónsul», um chimpanzé famoso, possuía conta em seu próprio nome nos bancos, e éle próprio assinava o livro de cheques.

Mas tudo isto apenas revela a docilidade e a habilidade manual dos macacos. Pode dizer-se, sem hesitação, que «Cónsul» não tinha idéa alguma de que as marcas feitas no papel eram o seu nome, nem sabia, igualmente, o significado de um cheque.

As rigorosas experiências feitas por Koths, em Moscovo, e por Yerkes, Koehler, etc., roubaram todo o mistério aos animais-sábios.

Como nasceu o caminho de ferro

O desenvolvimento dos caminhos de ferro constituiu o aspecto mais importante da história do mundo, entre 1825 e 1850. A primeira locomotiva foi feita por Cugnot, na França, em 1769, antes mesmo dos aperfeiçoamentos introduzidos por Watt.

A primeira locomotiva que chegou a receber uso prático, foi construída por Ricardo Trevithick, em 1804. A locomotiva de Trevithick era munida dum caldeira de tipo especial e dum cilindro vertical, e alcançou um pleno sucesso. Em 1813, Hedley fabricou uma máquina semelhante, que serviu para puxar vagões carregados de carvão nas minas de Wylan.

Note-se que os caminhos de ferro, no sentido restricto, já vinham sendo usados muito antes de existirem locomotivas. Sabia-se que um cavalo era capaz de arrastar pesos multissimos maiores sobre carris ou trilhos, do que sobre uma estrada.

Jorge Stephenson foi o primeiro a construir uma locomotiva prática adaptada ao serviço de passageiros. De 1813 a 1829 fabricou grande numero de locomotivas. A célebre locomotiva Rocket, de Stephenson, cometeu a façanha de arrastar um trem de trinta passageiros à velocidade «diabólica» de 40 quilómetros por hora. O mundo inteiro ficou pasmado.

Entre 1830 e 1840 Hancock tentou estabelecer carreiras regulares de coches a vapor por estradas comuns, mas a má qualidade dos caminhos tornou impraticável este sistema de transporte. O mesmo não sucedia com o caminho de ferro, cujo desenvolvimento foi prodigioso. Viu-se depressa que o transporte rápido de mercadorias para os vários mercados intensificava as vendas e aumentava a produção. Capitalismo e desenvolvimento de transportes estão muito unidos.



GERAÇÃO

O aparecimento dos organismos vivos não se realiza sem transições; antes que uma forma viva atinja o seu aspecto definitivo passa por uma evolução mais ou menos longa. Para o homem, essa evolução dura vários meses; para outros animais dura semanas, ou apenas dias. Os tecidos, os órgãos, as funções, não surgem todas ao mesmo tempo; há variadíssimas etapas a percorrer, segundo um plano maravilhoso que é estudado pelos embriologistas. Nestas duas fotos vemos o embrião duma ave com 18 horas, e o aspecto da ave ao fim do décimo primeiro dia.



L. MAITRE & FILS S.A.



PRONTO
WATCH CO
LE NOIRMONT (SUISSE)
CABLES: PRONTO TEL. 4.61.05

CHARLIE KUNZ

O PIANISTA DE RITMO
SINCOPADO



OÍÇA OS SEUS GRANDES SUCESSOS EM
DISCOS
3 ÉXITOS EM CADA FACE

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97



INVERNO...

REUMÁTICO...
PARALISIA DA VIDA!

Algumas fricções de

BAUME BENGUÉ

*e a vida continuará...
NÃO DEIXE QUE AS DORES
REUMÁTICAS LHE TOLHEM
OS MOVIMENTOS*

*Adquirir por Esc. 15\$00, em
qualquer Farmácia, uma bis-
naga deste bem conhecido*

BAUME BENGUÉ

O ANALGÉSICO DAS DORES



ÚNICA CASA DO GÉNERO NO
PAÍS. PRIMOROSO SERVIÇO DE

* RESTAURANT E BAR *

PONTO DE REUNIÃO DA SOCIEDADE ELEGANTE.
SALAS DE JANTAR ESTILO ÁRABE, ORIENTAL,
LUÍS XV, HENRIQUE II E RENASCENÇA
NOVA GERÊCIA

Ávenida da Liberdade 240, 1.º. Tel. 41084—LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Carreiras regulares entre:

LISBOA, MADEIRA E AÇORES

Saídas em 8 de cada mês, para:

MADEIRA, SANTA MARIA, S. MIGUEL,
TERCEIRA GRACIOSA (SANTA CRUZ),
S. JORGE (CALHETA), LAGES DO PICO E FAIAL.

Em 23 de cada mês, para:

MADEIRA, S. MIGUEL, TERCEIRA GRACIOSA
(PRAIA), S. JORGE (VELAS), CAIS DO PICO, FAIAL,
CORVO E FLORES (LAGENS E SANTA CRUZ).



Passagens de 1.ª e 2.ª classes trata-se na
Rua Augusta, 152 — Telefone 2 8659

Carga e passagens de 3.ª classe na
Avenida 24 de Junho, 2, 2.º — Telef. 20214

OS AGENTES

LISBOA

Germano Serrão Arnaud

NA MADEIRA

Blandy Brothers & C.º

EM S. MIGUEL

Bensáude & C.º Lda.



ENVIAREMOS A TODAS
AS SENHORAS QUE
NO-LOS PEDIREM
OS NOSSOS FOLHETOS

«UM TRATAMENTO RA-
CIONAL DA PELE POR
MÉTODOS CIENTÍFI-
COS» E A MAÇAGEM
DO ROSTO»



Produtos de Beleza
«SEMIRAMIS»

Rua Eugénio dos Santos, 27-3.º
Telefone 2 5292 — LISBOA

Bucknall & Wright

CORK EXPORTERS



TELEFONES 23043 e 23044 ~ CABLES: LANKCUB

LARGO DO CORPO SANTO, 28-2.º ~ LISBOA

TORNOU-SE num vício o que ao princípio era snobismo. As mulheres fumam tanto como os homens — e o pior é que gastam mais em tabaco de que certos homens...

Um maço de perfumadas cigarrilhas para os dedos esgulos de certas donzelas — que antigamente só prendiam a agulha do «crochet» — custa à volta de nove e dez escudos. Ora o homem arranja-se de qualquer maneira, desde os baratinhos «Definitivos» aos fortes «Provisórios» — tabaco tipo francês que enche os dedos de nicotina.

Há diversas opiniões. Uns concordam que a mulher fume porque lhes dá personalidade — outros acham que não, porque lhes estraga a saúde. Seja como for: por modernismo, por elegância, por requinte, a mulher fuma porque, na verdade, viu os homens fumar.

Perde a graça feminina?

Não — perde o dinheiro dos cigarros.

PEDRO DE ANDRADE, O CONHECIDO LIVREIRO-EDITOR DIZ...

Parece-me bem que as mulheres

— Uma mulher a fumar? Gosto de ver. Fazem-não algumas com tão fina galantaria!...

«Mas gosto por egoísmo. O *gesto elegante*, sobretudo belo porque *livre*, facilmente se transforma no *acto habitual*, comandado pelo vício — que frequentemente arruína a saúde. De modo que, se o espectáculo me encanta, é como muitos outros: há um acréscimo de prazer, bem egoísta, no facto de não ser dado pelas que me pertencem.

LUIS FORJAZ TRIGUEIROS FAZ FILOSOFIA SOBRE O TEMA...

Dali abalámos ao Secretariado de Propaganda Nacional, onde Luís Forjaz Trigueiros é funcionário.

— Eis uma pergunta que sob a sua aparente frivolidade esconde um mundo de problemas! Isto, como se sabe, é frequente: as coisas (ou as pessoas) aparentemente mais simples serem as mais complicadas...

«Se a mulher deve ou não fumar? Eu lhe digo já: incorra embora no desagrado de muita gente, acho que a mulher *não deve fumar*. Não é o

O DR. CARLOS PREGUNTA: POR QUE NÃO

A porta da Livraria Portuguesa, espécie de cenáculo literário e Tribunal Pleno — literatos e magistrados.

Carlos Olavo responde:

— Se a mulher deve fumar? Porque não? Tudo depende do meio que usar e do tabaco que fumar. Não se pode dizer que um fino cigarro perfumado, *bout rouge* para condizer com as unhas, fique mal a uma mulher. O cigarro é o símbolo da sua libertação. Repare: a mulher que fuma tanto mais quanto mais se acentua a sua personalidade e a independência da sua acção social.

O JORNALISTA NORBERTO LOPES ACHA QUE É BENEFÍCO DEIXAR DE FUMAR...

O Dr. Norberto Lopes, chefe da redacção do «Diário de Lisboa», replica, rapidamente:

Renascença Gráfica, tem uma curiosa resposta:

— Se me perguntassem se concordo com o vício de fumar, responderia que não. E, no entanto, sou um fumador inveterado. Comecei muito cedo, no Liceu, sem gostar e para parecer um grande homem... Depois, habituei-me e hoje dificilmente passaria sem o cigarro. Fumo de mais e agrada-me-la que tal não acontecesse, porque reconheço que o tabaco é prejudicial à saúde. Nunca me resolvi, porém, a fazer o sacrifício...

«Porque é assim não me sinto com autoridade para reprovar que as mulheres fumem. Sem apoiar correntes feministas, sem ser partidário da igualdade de direitos para os dois sexos (porquanto gosto de ver cada qual no seu lugar) não me choca mais o fumo no homem do que na mulher.

«Uma só reserva: detesto ver uma senhora a fumar por «snobismo»,

Nestes tempos de crise e de reformas...

Acha bem que as mulheres fumem?

fumem, mas só excepcionalmente. Caso contrário, para castigo, deixaremos de lhes oferecer melas e passaremos a dar-lhes cigarros. E que ficamos a ganhar com esta troca...

O PROF. HERNANI CIDADE GOSTA DE VER...

Hernani Cidade, à saída da Faculdade de Letras, é surpreendido pela nossa pergunta. Não se aborrece, que éle tem respondido a milhares de inquiritos.



Prof. Hernani Cidade

ponto de vista da moralidade pública que me fundamenta esta opinião. Acho absolutamente ridículo o argumento de que é imoral uma mulher fumar — argumento muito usado em conversas sem assunto de senhoras idosas, sem preocupações. Nada de confusões! Uma mulher que fuma — por muito sugestivo que esse quadro fosse em capas de «magazines» de há vinte anos — é sempre uma mulher que se masculiniza. E nada mais detestável do que uma mulher masculinizada! Apesar de hoje ser perfeitamente normal ver uma senhora fumar, e de por aí não vir mal ao mundo, como se costuma dizer, insisto na minha opinião fora de moda. Além disso, o cigarro na mão, ou na boca, tanto faz — é uma forma de vulgarização, de intimidade, de facilidade... É difícil dizer isto em poucas palavras. Em síntese: o que faz o encanto das mulheres, julgo eu, é exactamente aquilo em que elas são (ou devem ser) diferentes de nós. Não, não gosto de ver uma mulher fumar e, para mais, a maior parte das mulheres que fumam fá-lo só por «snobismo» ou parvoíce cinematográfica...



Pedro de Andrade



Carlos Olavo

— Eu fumava desde os 13 anos. Deixei de fumar há seis anos. Não calcula os benefícios que tenho colhido com esta resolução heróica. Acho, por isso, que as mulheres não têm vantagem nenhuma em fumar.

— Por quê?

— Porque não é bonito, porque é nocivo à saúde e porque é dispendioso para a bolsa... do homem.

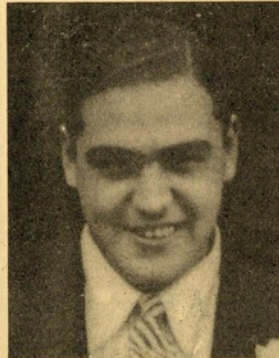
O MAESTRO FREDERICO DE FREITAS NÃO FUMA MAS NÃO SE IMPORTA QUE AS MULHERES FUMEM...

Frederico de Freitas, num intervalo dos ensaios da E. N., ainda com a batuta, explica:

— Sabe, eu não fumo. Mas não crítico as mulheres que fumam. Se gostam que fumem, tudo é comércio, tudo é negócio.

O DR. GUILHERME PEREIRA DA ROSA NÃO GOSTA DE VER FUMAR POR «SNOBISMO»

O Dr. Guilherme Pereira da Rosa, sub-director do «Século» e membro do Conselho de Administração da



Guilherme Pereira da Rosa

sem saber, sem prazer e em altitudes «gauches»...

MADALENA SOTTO DIZ QUE FUMA E LHE FAZ MAL...

NO Nacional, Madalena Sotto, ao sair do ensaio, ri com a pergunta: — Acho que as mulheres não depliam fumar, porque lhes faz duplamente mal: aos bolsos e à saúde. — Mas a Madalena fuma...

— Pois fumo — é um vício detestavelmente delicioso...



Dr. Norberto Lopes



Maestro Frederico de Freitas

*Será mais feliz
o seu lar...*

COM A BOA MÚSICA REPRODUZIDA POR UM RÁDIO DE ALTA CATEGORIA E DE LINHAS HARMONIOSAS

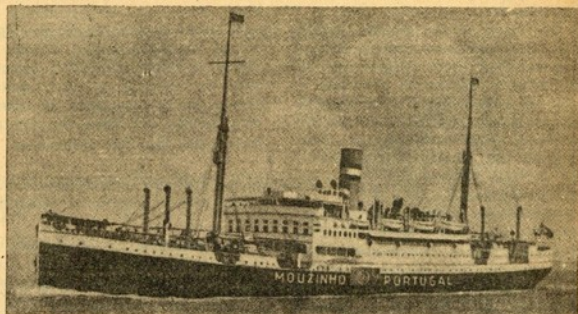


Centrum

O RÁDIO DE SOM MARAVILHOSO
Peça uma demonstração nas boas casas de rádio

Distribuidores em Portugal para revenda: **FILRADIO**
 Rua da Madalena, 66, 2.º, Dt. — Lisboa
 Distribuidores no norte do País: **PERES PESSOA & C.ª L.ª**
 Rua Fernandes Tomaz, 749 — Porto
 Distribuidores no centro do País: **MONTEIRO & IRMÃO, L.ª**
 Largo da Portagem, 5 — Coimbra

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO



O PAQUETE "MOUSINHO"

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

LINHA RÁPIDA DA COSTA ORIENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Funchal, S. Tomé, Saizaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental.

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental.

LINHA DA GUINÉ
 LINHA DO BRASIL
 LINHA DA AMÉRICA

Escritórios

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14
 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique, 9
 Telefone 2.342

H. Vaultier & C.ª

MÁQUINAS E
 ACESSÓRIOS
 PARA A
 INDÚSTRIA

CASA FUNDADA EM 1897

VINHOS DE XEREZ DA CASA R. C. IVISON

AGENTES

Amontillado — Muito velho e seco
 Vox — «Very old Xerez»
 Da casa WILLIAMS HUMBERT
 Dry Sack — Velhissimo

GUILHERME GRAHAM JÚNIOR & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 7 ~ LISBOA ~ Tel. 20066/9
 Rua dos Clérigos, 6 ~ PORTO ~ Telefone 880/1

CORRENTES «RENOLD»



A TRANSMISSÃO MAIS PRÁTICA
 ECONOMIA DE ESPAÇO
 ECONOMIA DE FÓRÇA

TRANSMISSÃO POSITIVA COM
 CÉRCA DE 90% DE EFICIÊNCIA

FUNCIONAMENTO SUAVE
 LONGA DURAÇÃO

HARKER, SUMNER & C.ª, L.ª

14, LARGO DO CORPO SANTO, 18 — LISBOA
 RUA JOSÉ FALCÃO, 156 — PORTO

*

MEDICINAL

PASTA DENTIFRICA

TRATA
gengivas desconhecidas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

*

Uma excursão na ria de Arosa

Continuação na pág. 9

gular capricho da Natureza ali dispôs, um retalho de terra exhibe ralo ervalgal que os ares mareiros não deixam crescer. Junto desse estranho trecho de humo e vegetação que contrasta com a paisagem daquela ilha pétrea, uma espécie de casa cavada na rocha mostra restos dum cozinha cujo lixo de muitos anos ninguém varreu ainda. Certo, era ali que o fariolero preparava as refeições na lareira galega de que, a um lado, subsistem as lajes calcinadas e as cinzas frias. Num penedo cuja face polida se volta para a ria, o jugo e as cinco flechas da Falange Espanhola e o dístico: *Arriba España* provam que a política não desprezou aquele marco altivo e solene que a Providência ergueu no meio da ria da Arosa para que os homens, admirativamente, reparassem nele.

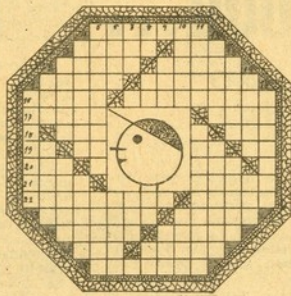
Uma sensação de paz austera e de imperturbável serenidade penetra quem põe pé na ilha de Rua. E, ainda que se vá até lá, como fui, em ruídos e alegre excursão; se goza o soberbo espectáculo da Natureza ao som do riso vibrante da mulher galega, entre o mais saboroso empadão de sardinha à moda da região e o mais capitoso «Rioja» da frasuqueira de D. Rafael Saenz-Diez, o soberano incontestado da Ria da Toja, o rei dos sabões e dos perfumes que deram mundial renome a esse rincão embuxado da ria maravilhosa; se tenha, entre os companheiros mais joviais, a mais perfeita expressão da graça feminina espanhola que encontrei na jovem Pity Saenz-Diez; se exprime, em suma, numa paisagem fantástica, o conforto da civilização; ainda que se profane o sossego envolvente e reconfortante de tudo aquilo com a curiosidade do turista, não é possível deixar de sentir que a ilha de Rua é o resto dum mundo de sonho que os homens, pouco a pouco, vão estragando, destruindo, envelhecendo...

HUGO ROCHA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 59

Por José Rodrigues Correia (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 4—Cidade port. 3—Ilha do mar Tirreno; vogal e consoantes. 2—Que tem boa saúde; fazer desaparecer. 1—Adoces com mel; fragas. 16—Hábital; relembrar. 17—Época; percorra. 18—Abreviatura de Soror; Júpiter. 19—Outra coisa; apelido; batráquico; consoantes. 20—Nome de homem; vazia. 21—Primeiro nome do alio de D. Afonso Henriques; cortar os rebentos das plantas. 22—Macaquice; incólume. 23—Porção de sacas; avaliar. 24—Mortificou; calcar. 25—Véspera; viver. 26—Arquipélago da Melanésia.

VERTICAIS: 1—Ilusão. 2—Mérito intelectual (Inv.); unes. 3—Estafar; dar laço. 4—Silenciosos; arrancar. 5—Quadril do corpo humano; cálice. 6—Ninfa companheira de Diana; perfume. 7—Cólera; troço. 8—Nota musical; pedestal; se-gula; compaixão. 9—Preposição; interjeição designativa de estrondo. 10—Junta; lageamento onde se mahlam cereais. 11—Sublevem; préstito religioso formado por irmãs, dous, clérigos, etc. 12—Doutos; pacíficor. 12—Povoação do concelho de S. Tirso; desmontar. 14—Astuto; vogal e consoantes. 15—Criara ranço.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 58

HORIZONTAIS: 1—Vê; iscar; ei. 2—Bote; mear. 3—Tocata; gel. 4—Na; Ecouen. 5—Ri; pá; lê; is. 6—Surrat; ad. 7—Asse; avias. 8—late; atad. 9—Um; asile; eu.

VERTICAIS: 1—Rebonfíssim. 2—Oca; usa. 3—Rita; pretas. 4—Se-tear; és. 5—Oc; AC; 33; ir. 6—Am; olival. 7—Pregue; item. 8—Are; asa. 9—Serenidades.

1.º CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

Já nos remeteram trabalhos, para este Concurso, os seguintes confrades: Lino António Roberto de Magalhães Quintela, da Federação Nacional dos Produtores de Trigo (Lisboa), António Logrado Figueiredo (Pórt), Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu), José Rodrigues Correia (Viseu), Filipe Alistão Reis Teles Moniz Côte Real (Angola), Vitorino de Sousa Valverde (Nazaré), Fernando de Aragão (Lisboa), Francisco da Conceição Santos (Nazaré) e Mário António Pigarra, da Federação Nacional dos Produtores de Trigo (Lisboa).

Num dos próximos números publicaremos a lista dos prémios.

PASSATEMPO

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: D. Carlos R. Lafora (Espanha)

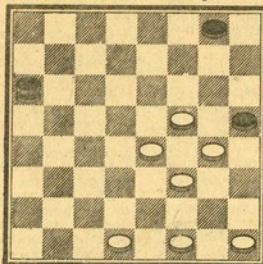
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 27 (Problema)

«La Provincia», 21-12-94 Las Palmas—Espanha

Lema: «Doña Perfecta»

Pretas: 1 «dama» e 2 «pedras».



Branças: 7 «pedras».

Mate em 6 jogadas

Colocação das peças:

Branças — «Pedras» em 1-2-3-10-13-14 e 18.

Pretas — «Dama» em 24 e «pedras» em 17 e 29.

1.º Concurso Internacional de Problemistas de «Damas»

Solução da Composição n.º 1 (Problema)

Lema: F. A. S. I.

13-18; 26-30;
16-7 (ou 21-14); 21-14 (ou 16-7);
30-21; 1-5; 22-26;
25-18; 10-1; P.

e mate, segundo o autor. Porém, não é mate, pois quando as brancas tomam 9-22-12-3-10-19, as pretas podem responder com 1-14 e as brancas com 19-10 e não é forçadamente mate. Neste problema, como noutros, os compositores e os solucionistas não perceberam bem a definição de mate. Neste problema não se dá mate

em 5 mas sim em 7. Assim: 5.º; 22-26; 29-15;

6.º; 9-22-12-3-10-19-1; 7.º; 19-1 mate.

1-14 (ou 10)

Solução da Composição n.º 2 (Final artístico)

Lema: Damófilo I

18-27; 27-16; 3-6; 4-7;
23-17; 26-22 (c); 17-3; 3-12;
16-7; 7-11;
22-19 (b); 29-26 (a); 11-25 seguido de 25-29 e ganha.

(a) Se 29-25; 11-14 (uma dual secundária 11-18), 19-15; 4-7 e ganham.

(b) Se 29-25; 7-12 e 12-19 ganham.

(c) Se 17-21; 3-6; 21-17 (d); 4-7 ganham.

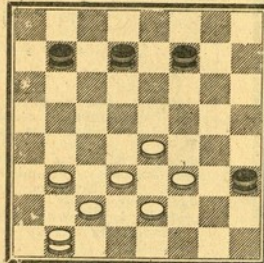
(d) Se 26-22; 6-11 ganham.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 5

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora (Espanha)

(Dedicado ao genial compositor «Lusiada»)



Jogam as brancas.

Mate em 3 jogadas.

CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA, DE 1945

Para este campeonato, que está despertando grande entusiasmo no meio «damístico», já deram a sua adesão os seguintes jogadores:

Jorge Galama Marques (Castanheira de Pera), António da Costa Santos (Santarém—Romeira), Manuel Lopes de Santos (Tórres Novas), António Eduardo Igrejas (Melgaço), Manuel Félix Igrejas (Melgaço), Delim Faria Diniz (Famalicão), Carlos Pereira (Lisboa), José Dias Cerejeira (Lisboa), Luis de Oliveira (Lisboa) e Manuel Pinto da Silva (Pórt).

No próximo número daremos os nomes de outros concorrentes.

Não nos interessa a inscrição de muitos «damistas», mas sim que, todos os que iniciarem o campeonato, não desistam, para dessa maneira mostrarem o seu desportivismo.

ATENÇÃO

A «Carta aberta aos «damistas» do Benfics» sai, em separata no «Vamos Decifrar», mas só para os assinantes.

XADREZ

Partida jogada no Campeonato dos Estados Unidos de 1944.

Gambito de «dama» recusado.

Branças	Pretas
Fine	G. Shainswit
C3AR	1 C3AR
P4A	2 P3A
P4D	3 P4D
C3A	4 F x P
P4TD	5 A4A
C5R	6 CD2D
C x P4	7 D2A
P3CR	8 P4R
P x P	9 C x P
A4A	10 CR2D
A2C	11 A2R
O-O	12 A3R
C x C	13 C x C
F8T	14 F8TD
C4R	15 T1D
D2A	16 O-O
C5C	17 A x C
A x A	18 P3A
A4A	19 TR1R
A4R	20 P3CR
A2D	21 A4D
A3AD	22 A x A
D x A	23 D2A
TD1D	24 T4D
T x T	25 F x T
D4AR	26 C3A
P3R	27 R2C
T1D	28 D3R
T x P!!	29 D x T
D x P+	30 R3T
D7C+	31 R4C
D6A+	32 R3T
D4A+	33 D4C
ATC+	34 T4D
D3A+	35 D5C
D5D+	36 D4A?
D1D+	37 D5C
P3A	38 D3R
P4C+	39 R4C
R2C!!	40 D x PR
P4T+	41 R x P
D1T+	42 Abandonam.

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 83 da Bandeira, 100, 3. LISBOA

Numa hora tudo mudou...

Conto por **HELENA DE ARAGÃO**
Desenho de **ARMINDA PEREIRA**

POR toda a selva, através da brenha insondável, corriam murmúrios nostálgicos. Evidadas do emaranhado louco do mato, em ansia de desafio e liberdade, as palmeiras levantavam alto as cômas desgrenhadas e, coleantes, langorosas, ao impulso da aragem do fim do dia, que não dava frescura à terra escaldante do sol tropical, ora tomavam modos de comadres coscuvilheiras ora se desviavam com ar de enfado.

O céu parecia enorme brasa, todo afogueado à aproximação do crepúsculo; e, cá em baixo, a selva tenebrosa escurecia rapidamente, pronta a entrar no mistério da noite que já principiava a diluir contornos e a empastar vultos na distância.

Corpo balouçado em preguiça na rede de descanso, olhos erguidos às alturas rendilhadas sobre o fundo rubro, o José António seguia os movimentos das copas empenchadas que, lá em cima, pareciam trocar e levar segredos, num afã de pôr a correr, floresta além, dizeres de má fé.

Tinha a impressão de que falavam dele, de que o apontavam umas às outras com as palmas inquietas.

E, vagamente, invadia-o irreprimível mal-estar desassossegado da consciência, sentia como que um engasgo, uma quasi vergonha, de mistura com surda irritação.

Falavam dele... Mas, afinal, tinha que dar conta da sua vida a alguém?

Porque lhe rebuscavam o Passado e sondavam o Sentir?...

O que importava, vós a quem fosse — até mesmo aquelas atrevidas que lá em cima bisbilhotavam como senhoras vizinhas... — que ele sentisse ou não saudades do que um dia deixara?...

Isso era em êle!... Saudades, não pleites... E ele nunca fora plegas...

«Cada um é como êle!...» — resingou, impaciente.

E voltou-se na rede, como a dar costas à obsessão importuna. Para de todo se lhe furar, voltou o pensamento a coisa mais do seu agrado. Não queria dar atenção às insinuações da floresta; não queria ouvir-lhe os lamentos lúgubres como agolros de desgraça, entrecortados pelos estalidos bruscos que lembravam gritos agônicos de almas penando desesperos.

Amealhará já bom pé de mela... Mas havia de ser mais rico ainda!... Questão de tempo! A selva era opulenta de riquezas... Saberá arrancar-lhas para as trocar por bom dinheiro contado. Sim, havia de ser rico, tanto ou mais do que o «Africano».

A lembrança do «Africano», foi como se a cortina do esquecimento abrisse largo rasgo para lhe mostrar o quadro claro da aldeia distante, enconchada nas fragas da serra, aninhada na paz do viver simples, como que pasmada de deslumbramento à roda dos prédios do «Africano», insolentes de imponência...

O «Africano»!... Um rude que partira de tamanho no pé e voltara das Áfricas pódre de rico, para levantar palácio e arredondar, por suas, léguas e léguas de terras!...

Aquêle tivera sorte!... Mas nem só para o «Africano» a sorte fora talhada! Quem bem soubesse buscá-la a encontraria... E êle andava-lhe no encaçol!...

Havia de ser rico! Tão rico como o «outro». Mais ainda! Nem que, para isso, devesse passar metade da vida ali, metido no coração do mato... Quando um dia voltasse, levaria três bastantes para levantar casas mais altas do que as do «Africano» e chamar suas a terras mais alongadas. E, então, não seria já o «Zé António» a quem davam a salvação por cima do ombro!... Todos o cumprimentariam respeitosos... Até o «Africano»!...

Embevecia-se no deleite da visão. Mas a litânia da selva continuava, opressiva, telmosa em semear-lhe remorsos no peito, em estampar-lhe diante dos olhos a paisagem dos sítios onde se criara e crescera.

A febre da ambição crestara-lhe toda a ternura na alma... Era verdade... Nunca mais quisera saber do torrão-berço. Nem dele, nem da «velhota» abandonada em agonia de saul-

dades, cheia de aflição e incerteza pelo destino do filho, abalado da sua beira sem lhe deixar, sequer, o consólio dum adeus.

«Não, nunca mais se importara com o que lhe ficara para lá da barreira dos mares. Lembra-lo seria assilar saudades, acordar o rancor adormentado... Não, não queria desassossegar-se.

Desde a hora em que lhe incendiara o peito a febre de ter riqueza, casas, terras, criação — como o «Africano»... — desprendera-se de tudo quanto não fosse a sua ambição.

Se alguma vez tivera amor à terra-mãe, à casa onde se criara, à «velhota» que o deitara ao mundo, de todo se lhe apagara no coração a partir daquela hora.

E, um dia, sem pena, sem um adeus, partira pela mão dum engajador.

Fôra em manhã loira de sol, rescendente de perfumes orvalhados, festiva de trilos sonoros, tão linda que dali não se apartaria, de olhos enxutos, quem não tivesse, como o José António, labaredas de ódio e ambição levantadas no peito.

Êle... Nem mesmo atentava em tanta beleza, em tanta e tão suave alegria. Apenas, na última curva da estrada, volveu um olhar duro às casas altaneiras do «Africano», como a enviar-lhes mudo desafio.

Para a pobre que lhe dera o sangue, nem a esmolá dum despedida, mesmo de longe! Pensara lá em dar balanço ao que lhe custara em sacrifícios e amor, ao que lá ainda custar-lhe em angústias e ansiedades!...

Nem dela se lembrou.

E, ao longe da sua aventureira odíssela, apenas uma vez — uma só! — lhe aparecera ante os olhos desvatrados, a imagem da «velhota», vestida de prantos, a estender-lhe as mãos, no jeito de outrora, quando êle, tamanho, lhe clamava socorro ou protecção.

Surgira-lhe numa noite de tormenta infernal, quando o navio que de tormenta pelo mar enfiado, desgobernado, de baldão em baldão sobre as ondas bravas, estivera a

Adolado de terror, mãos em gataças no cordame retizado onde o vento, sinistro, ulvava avisos de morte, o José António arquejara uma prece ferozosa entre o clamor trágico que o cercava, um apêlo desgarrador, um suprema aflição, aquela que, desde o berço, sempre por êle velara noite e dia:

«Mãe!... Oh! minha mãe!...»
O chamamento de agonia afogara-se entre o fragor da procela; mas, fôsse milagre ou alucinação, êle vira, nesse momento, emergir do mar revólto uma figura miúdiinha, recortada por luminoso halo no fundo trevosos do céu. E nesse vulto aclarava, nítida, uma face dolorosa onde brilhavam dois fios de lágrimas escorridas de dois olhos tristes, muito tristes que poisavam nêle, cheios de amor e perdão.

Pronto a tormenta amalnara, o vento silvara mais brando, as vagas estiraram os dorsos, menos agressivos... E, no palor amanhecete, a visão diluira-se.

Depois... A viagem prosseguiu...

E no coração do José António reentrara o esquecimento... Não tornara a lembrar a «velhota» curtidinha de penas... De todo enterrara a recordação en-

ternecedora da aldeia refegadilha nas faldas serranas...

E agora ali estava a selva a lembrar-lhe o que lá ia, porfiando em semear-lhe saudades no peito!...

Saudades!... Bem lhe importava isso!... Tanta vez se rira, ao surpreendê-las nos olhos marejados do vizinho Soares — como êle deserdado do lar distante, em demanda da Fortuna.

«Homem!... Essa coisa dum pessoa se agarrar a lembranças não dá ganho nem sossêgo! O que passou, passou! Quem segue na vida de olhos pregados no que atrás deixa, antes torce caminho para onde não queria ir, do que chega aonde queria chegar. Saudades... é pão de tolos e recreio de madraços!»

Tinham corrido anos que o tempo fôra tragando. Fianqueado pela sorte, o José António ajuntara bom peçtilho — senão tão avultado como lhe exigia a cobícia insaciável, pelo menos bastante para ter negócios importantes, casa bem provida e pessoal numeroso. Instalara-se em comodidade na «fazenda» vizinha da selva pródiga.

Família não criara. Isso não quisera.

«É coisa que se paga muito cara!» — justificava, quando lhe estranhavam o isolamento egoísta e a segura do coração êrmo. — «A minha família está ali...»

E, com certa ufania, apontava o aparelho de rádio que fizera vir da Europa e lhe custara bom dinheiro. Mas fôra por uma vez! E era companheira que o divertia e não lhe dava cuidados nem aborrecimentos.

Ainda assim... Se êle enfermasse de ciúmes, bem poderia originar-lhe sarilhos com o vizinho Soares, que não largava de roda, mal lhe ouvia a voz...

Naquela hora de assediante nostalgia, enquanto o céu todo se afogava à chegada do crepúsculo e os palmares faziam requêbros lentos de despedidas, ali tinha ao lado a dócil companheira a distraí-lo com melodias e cantares vindos dos quatro cantos do mundo.

De olhos agora entrecerrados, o José António dormitava na satisfação da sua abundância amontoada sobre o coração morto. E tão embalado estava na grata dolência que nem deu por que terminara a última melodia, expridada em acordes fundidos com os murmúrios da selva.

Pairou então breve silêncio logo cortado por voz longuinha acorrida a dizer qualquer coisa a que o José António não deu atenção. De repente, porém, como se lhe tivesse acertado flecha bem apontada, saltou no regaço da rede, ergueu-se alvorado e debruçou-se para a pequena caixa sonora, a escutar, palpitante.

Ensurdecida na lonjura misteriosa, soava agora uma voz débil, insegura:

(Continua na pág. 24)

